numero 7 ano 1 1942

PANORAMA

revista portuguesa de arte e turismo

O CAFÉ PARA O BOM APRECIADOR
CAFÉ
COLONIAL
AROMÁTICO
AGRADÁVEL
SABOROSO

RAMALHO ORTIGÃO

O Precursor

GARRETT, Júlio Diniz e um tanto Camilo, traçaram formosíssimos quadros dos encantos naturais e *pessoais* de Portugal. Eça de Queiroz debuxou, com a magia da sua pena, mais largos trechos do panorama português, transplantando quási, por caprichosa fantasia, para o clima pátrio o viver silvestre de S. Cristóvão. Mas a sua principal atracção era Lisboa. O resto vinha ou, antes, veio, por acréscimo, no fim da sua obra de romancista e de crítico.

Por isso, Ramalho excedeu os seus antecessores e os coevos no culto por Portugal e pelas inultrapassáveis belezas com que a Providência o exornou.

Em época de doentia *estrangeirite aguda*, quando o mais modesto dos viajantes contava no seu activo, pelo menos, uma ida a Paris — para poder ser considerado entre a «Havaneza» e o Terreiro do Paço — Ramalho, que se deslocava para fora das fronteiras a-fim-de quando em vez *ter a alegria de estar sôlto no mundo, isento de todos os preconceitos da existência regular;* Ramalho amou entranhadamente esta «pequena casa lusitana» e, em lentas, sábias e difíceis peregrinações deitou-se a descobri-la e a apresentá-la, nas páginas inconfundíveis das *Farpas* e de outros trabalhos seus, aos contemporâneos intoxicados pelo mais perigoso dos morbos: o desinterêsse por tudo quanto era nacional. E tal desinterêsse fazia com que nos faltasse *a alta noção de solidariedade patriótica; o desapêgo dos bens de fortuna; o largo espírito de abnegação; a ilimitada liberalidade cavaleirosa; e a fé dos nossos avós («O Culto da Arte em Portugal»)*. Isto perante a insensibilidade do parlamento e da imprensa, *porque êsses dois poderes do Estado, enrascados na baixa intriga partidária, imobilizados*

(Continua)

nela, como um enxame de pardais numa bola de visco, de há muito perderam o sentimento da nacionalidade e a noção de pátria (livro citado).

O grito contundente lançado pelo insigne autor da Holanda: O *rei vai em fralda!* foi, sem dúvida, o mais agarotado mas, ao mesmo tempo, o mais popularmente eloqüente sinal de alarme que no Portugal Constitucional se ouviu, e saído de uma bôca ilustre.

As *tundas* com que Ramalho *desancava* o delirante partidarismo, e que o Bispo Alves Martins celebrou, não constituíam prazer sádico de um caprichoso má-língua, acantonado na irresponsabilidade da decantada liberdade de imprensa. Eram, antes de tudo e acima de tudo, revoltas patrióticas — e não *patrioteiras* — de uma inteligência lucidíssima servida por uma cultura extraordinária.

Ramalho, certo de que as massas, por essência contrárias ao que é metafísico, só amam aquilo que vêem, compreendem ou sentem, dedicou-se, tenazmente, a explicar, a seu modo, a *idéia portuguesa,* buscando, como nenhum outro escritor do tempo, nos usos, nos costumes, nos encantos da terra e das gentes, ressuscitar, espreitar a alma nacional e, de tal guisa, que nós topamos na deliciosa carta «a Mr. John Bull» com o mais belo, o mais instrutivo dos programas da festa em honra do Príncipe de Gales (ao depois o Rei Eduardo VII) — programa que, evidentemente, ficou apenas nas páginas das *Farpas...*

O que propunha Ramalho Ortigão, em vez do *espectáculo servil* que os festeiros oficiais ofertaram ao herdeiro da coroa inglesa?

Simplesmente isto: *Poderiamos levantar-lhe uma tribuna na vasta lezíria de Vila Franca e, em vez de uma ridícula revista militar, dar-lhe aí, como povo agrícola, a mais grandiosa e a mais pitoresca das revistas rurais.*

E a imaginação fértil de Ramalho entretem-se a visionar o que seria essa representação — que os portugueses de agora têm visto, com freqüência, mercê do espírito nacional da Revolução, mostrando-se, dêste jeito, que a inteligência dos que, ora, governam o país vale o que êle vale.

Mais tarde, quando do casamento do Senhor Dom Carlos com a Senhora Dona Amélia, o mestre incomparável das *Farpas* insurge-se contra os festejos levados a cabo e *sonha:*

Na baía do Tejo far-se-ia a exposição marítima dos nossos vasos de guerra e das nossas pescarias.

Na lezíria, a exposição das nossas boiadas, das nossas caudelarias e dos nossos rebanhos.

Na sala do Risco, ou em qualquer outro grande edifício, a exposição das indústrias distritais.

Na tapada da Ajuda e no Jardim Zoológico, a exposição dos produtos agrícolas, a exposição das flores, a exposição das aves, a exposição dos lacticínios, etc.

Se do misterioso país de cujas raias viajante algum voltou — como dizia o sempre actual Shakespeare — for dado aos mortos ver a vida, Ramalho deve estar satisfeito, pois que, meio século depois, tudo isto que êle, perante o sorriso superior dos parvoinhos enjoados com tanta *pelintrice,* apresentava como tentativa — se tem realizado e continua a realizar, com carinhosa e cuidosa encenação, provando-se, desta arte, a nacionais e estrangeiros que as riquezas de Portugal não são figura de retórica, antes realidade perfulgente.

Perante a insipidez do Passeio Público (onde hoje se alarga a Avenida da Liberdade, agora com seus canteiros e arvoredos tratados a primor), Ramalho escrevia:

Mas o Passeio Público escava-nos na alma insondáveis sentinas de animadversão e de fel. Porquê? Porque o não sabem arranjar para que êle seja, como deveria ser, para as mulheres e para as crianças de Lisboa, um elemento higiénico de distracção e de recreio, em vez de ser, como é, um foco pestilento de sensaboria pascácia e de namorismo chôcho.

Hoje, Lisboa já não tem o Passeio Público, mas os jardins multiplicam-se — mostrando-se o que vai ser o parque florestal de Monsanto — e o velho Jardim da Estrêla, ainda há pouco tão sopeiral, adquiriu feição nova, atraente, risonha e arejada, não faltando os *elementos higiénicos de distracção e de recreio* para as crianças. No «Zoo», repete-se o quadro, que se vai repetindo aqui e além nos vários pulmões da capital, mercê da iniciativa municipal e particular, nalguns recantos ajardinados, sublimada pela benemérita obra de uma Poetisa que continua os seus poemas salvando as criancinhas desgraçadas, dando-lhes, afectuosamente, pão, luz e alegria, como Ramalho, tantas vezes, *sonhava,* também. É que a criança, homem ou mulher de àmanhã, foi, nos trabalhos do crítico das *Farpas,* uma das suas grandes idéias fixas, bastando para isso ler o pungente capítulo que dedicou à «Casa de Correcção» — nos nossos dias, igualmente, purificada, *revolucionada,* como Ramalho Ortigão não se fatigou de preconizar no sentido de evitar que tais estabelecimentos sejam *foco de apodrecimentos humanos, curso acelerado de preparatórios infalíveis para o Limoeiro, para o Destêrro, para o Hospital, para o Cemitério.*

O que o rígido comentador escalpelizou com o seu bisturi acerado, apontando crimes, defeitos, vícios, provocados pela má educação e pelos deletérios processos da baixa política — é, agora, apenas uma triste recordação, graças a Deus...

Onde a tarefa de Ramalho atinge proporções verdadeiramente microscópicas — portanto, benemerentíssimas — é na observação dos usos e costumes regionais, na defesa permanente da Arte, nos seus aspectos clássicos e populares, no elogio das indústrias locais familiares, tão esquecidas, tão desprezadas, tão ridicularizadas, quiçá, por aqueles que só achavam bonito e bom o que trazia, bem à vista, o «made in...», rótulo estrangeiro, conseqüentemente *podre de chic.*

No precioso ensaio *O culto da Arte em Portugal,* Ramalho Ortigão lecciona magistralmente; e o que êle apontava como urgente e necessário para evitar a perda do nosso património artístico, em tôdas as manifestações — desde as grandiosas, nos monumentos, nos quadros históricos, até às mais modestas e encantadoras: as rendas, as filigranas — só cinco décadas depois entrou na realidade.

Como Ramalho se sentiria feliz e orgulhoso (legítimo orgulho!) no ano passado, ao entrar no Museu de Arte Antiga para apreciar, como êle tão bem sabia e podia, a galeria dos Primitivos e ir, depois, de longada até à Exposição do Restelo! Aí, decerto, onde mais se demoraria — enternecido, comovido, reconhecido — seria no Centro Regional, vendo trabalhar as rendeiras, os filigranistas, acariciando com a vista todos os produtos da Arte popular, que vão da olaria ingénua à indústria da construção de barcos piscatórios.

E como lhe agradaria saber que o teatro e a música estão, agora, ao alcance de tôdas as bôlsas — destacando-se até às mais longínquas paragens da nossa província, em deambular educativo, afinando a sensibilidade do povo, sem, todavia, lhe roubar as características que o enriquecem, antes exaltando-as, tal qual como se dignificam os trajos regionais, fazendo-os entrar, entre galas e louçanias, à porta de Portugal, na fronteira luso-espanhola, no pôsto informador do S. P. N.: — para que o viajante estranho comece, logo, a sentir os encantos nacionais e não se julgue num país estandardizado pelos modelos e modas lá de fora, *traduzido do estrangeiro... em calão.*

Com pena acepilhada, Ramalho, ao redigir a advertência da edição completa das *Farpas* (1887), anotou, com certo calor de esperança:

Se da agonia em que neste momento parece debater-se a nacionalidade portuguesa, profundamente ferida nos mais importantes centros da vida pública, sobreviver ainda uma Pátria, ela reconhecerá, talvez, num ou noutro ponto destas ligeiras narrativas, a palpitação comovida de um coração que a amou.

A pouco mais de cinqüenta anos do momento em que o grande crítico escrevia estas palavras, é justo que se reconheça e se proclame, após a *recuperação* de Portugal, o amor que êle teve à sua e nossa Pátria, que tão bem quís e soube servir, dando-lhe — e isto me parece a melhor justiça a fazer-se ao *revolucionário* das *Farpas* — o cognome de *precursor*, que o foi, como procurei, ràpidamente, demonstrar, enternecido e agradecido, como sempre sucede quando releio a sua obra prodigiosa e profética.

MARINHO DA SILVA

SITUAÇÃO PRIVILEGIADA

ELÉCTRICOS PARA TÔDA A CIDADE

PERTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

COMPLETAMENTE REMODELADO. CONFORTÁVEIS E MODERNISSIMAS INSTALAÇÕES. ÁGUA QUENTE E FRIA EM TODOS OS QUARTOS. AQUECIMENTO CENTRAL

Grande Hotel da Batalha

PRIMOROSO SERVIÇO DE MESA. SALA DE JANTAR PRÓPRIA PARA BANQUETES. TELEFONE NOS APOSENTOS. PREÇOS MODESTOS PARA FAMÍLIAS E PENSIONISTAS. BAR E SALÃO DE FESTAS. ASCENSOR.

PÔRTO

P. DA BATALHA. TELEF. 1217 E 1253 ESTADO 33

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner—Concert

/ AMERICAN BAR /

ATUM * SARDINHAS * ANCHOVAS

PEÇA PARA O SEU «HORS D'ŒUVRE» AS DELICIOSAS CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS

I. P. C. P.

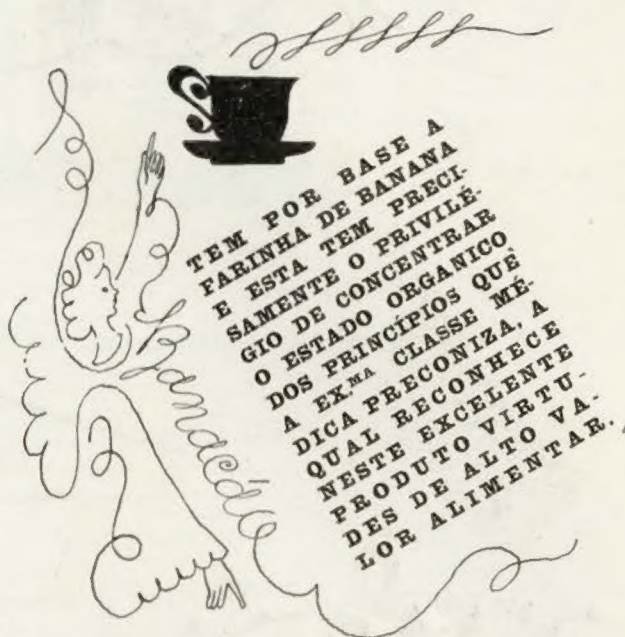
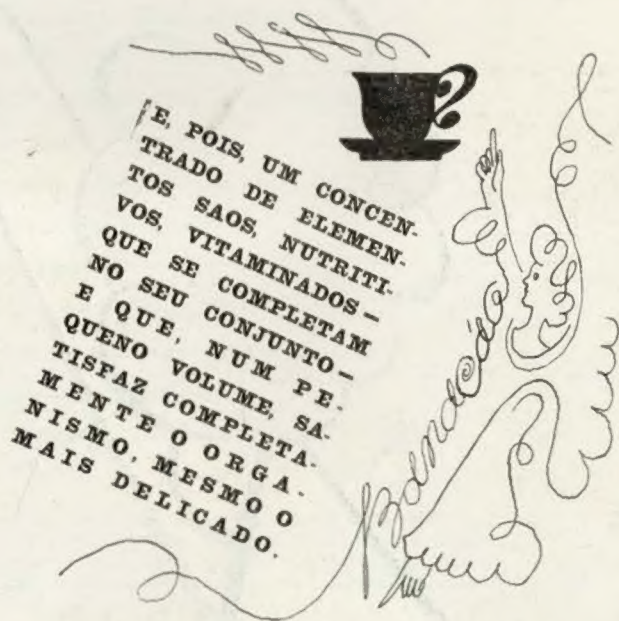
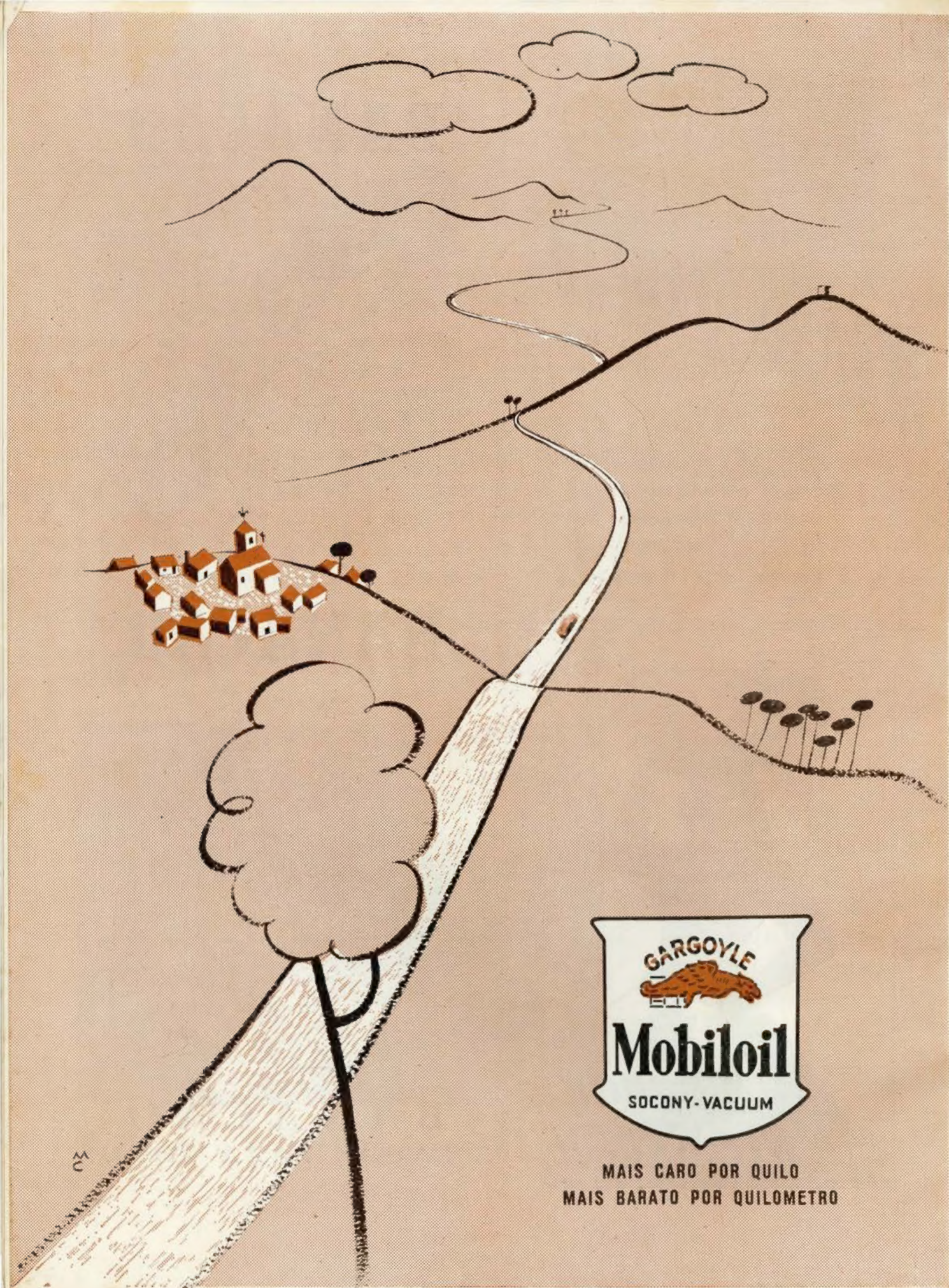
DESPERTAM O APETITE E ALIMENTAM

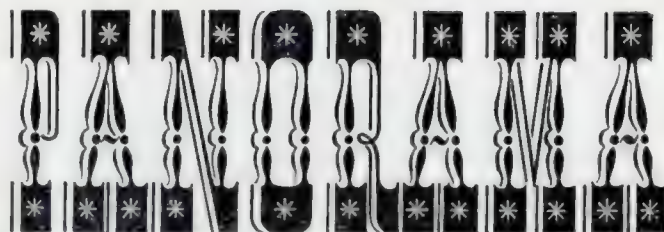
CAPITAL E RESERVAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1940: – ESCUDOS 15:545.228$87 – SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

PÔRTO – RUA CÂNDIDO REIS, 105
EDIFÍCIO PRÓPRIO
Telefone P. B. X. 867 e 967

LISBOA – RUA AUGUSTA, 39-41
EDIFÍCIO PRÓPRIO
Telefone P. B. X. 2 5114/6

COIMBRA – PRAÇA 8 DE MAIO, 8
Telefone 1277

BANACÁO

BANACÁO

BANACÁO
É SAUDE PARA TODOS

GARGOYLE
Mobiloil
SOCONY-VACUUM
MAIS CARO POR QUILO
MAIS BARATO POR QUILOMETRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DA ROSA, 277, 2.º TEL. 29311 - LISBOA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO MENSAL DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 7 ★ ANO 1942 ★ VOLUME 2.º

OAPA: DESENHO DE PAULO FERREIRA, ARRANJO GRAFICO DE BERNARDO MARQUES. — DESENHOS DE: RAFAEL BORDALO PINHEIRO («ALBUM DAS GLORIAS»), CAND.DO COSTA PINTO, BERNARDO MARQUES E JOÃO DE ALMEIDA («MINHO PITORESCO»). — FOTOGRAFIAS DE: ANTONIO LOPES, EDUARDO PORTUGAL, HORACIO NOVAES, DR. LACERDA NOBRE, MANFREDO, MARIO NOVAES, ROGER KAHN, SERRANO DE FIGUEIREDO, TOM e AGENCIA GERAL DAS COLONIAS.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

PREÇO: 5$00

Que conservam a juventude, realçam a beleza
e dão uma nota de distinção, a quem os usa

À VENDA EM TÔDA A PARTE

ESTÁDIO NACIONAL

por

José Augusto

O caminho, mal empedrado, seguia entre muros de pedra sôlta e piteiras monstruosas. Aqui e além, um «chalet» de mau gôsto, dominado pela armação metálica e inestética dum moinho de vento.

Para trás, ficava a fita luminosa do Tejo, as casitas brancas da Trafaria aninhadas na Outra Margem, junto às colinas baixas e castanhas — um castanho deslavado e sem brilho. Não raro havia que subir para a vereda que ladeava o caminho para dar passagem a pachorrento carro de bois, a escorrer estrume, a chiar nas molas de azinho. Era da Herdade da Graça — um casarão dum branco sujo com a forma bizarra dum navio que, por capricho, tivesse vindo ancorar ali, no vale fértil, junto ao Jamor. Ladravam cães e ouvia-se o grunhir glutão dos porcos a focinhar nas pocilgas fartas.

Passos adiante, uma fila de casas miseráveis — uma «venda», piteiras, garotos semi-nus e rêdes de pesca a secar às portas. Era a Costa de Linda-a-Pastora.

Na vertente fronteira, a dominar o vale, um moinho branco com um rodapé vermelho, cantava nos seus búzios de barro. Paz e quietação envolvia tudo.

> *Muito ao fundo, entre ulmeiros seculares,*
> *Seca o rio! Em três meses d'estiagem,*
> *O seu leito é um atalho de passagem,*
> *Pedregosíssimo, entre dois lugares.*

O rio é o Jamor. O poeta é Cesário Verde.

E Lisboa, a dois passos. Ali mesmo, quási ao fim do caminho pedregoso, da Herdade da Graça, do carro de bois, das rêdes de pesca da Costa Nova...

O caminho, hoje, está abandonado e nêle cresce erva verde. As piteiras são maiores e mais selvagens. Desapareceram as casas miseráveis. O moinho já não anda com as suas velas doidinhas sempre às voltas, entontecidas de vento

«Regosijemo-nos, porque teremos, em breve, o Estádio Nacional!». — A promessa cumpriu-se. O Estádio Nacional é, hoje, a bela, sólida e imponente realidade que estas fotografias documentam.

Fotos de Horácio Novaes e Manfredo

e de sol. Está mais para o interior, noutra colina, que, aquela em que estava antes, desapareceu.

— Roubaram uma colina! pensará o leitor.

A Avenida da Índia passa a ser estrada marginal sem o viandante dar por isso.

Atravessa Algés entre esplanadas; ladeia o Aquário Vasco da Gama, no Dafundo; alcança a Cruz Quebrada. E quando sobe ao alto, onde, ainda há pouco, se erguiam as vivendas da «vila» da Quinta da Boa Viagem — a vista alarga-se pelo rio fóra até ao Oceano, para lá da língua de areia que continua a mancha amarela, cintilante, da Caparica — abre-se uma nova estrada, tão larga como a principal — a que, entre pinheiros e debruçada sôbre as águas azuis, segue até Cascais.

Tomemos por êsse desvio. Sigamos pela direita...

São poucas centenas de metros de subida, entre taludes cuidados.

Se o leitor quiser — gloriosas estas tardes de inverno, duma luminosidade rara! — pode parar no alto da colina e admirar, uma vez mais, a toalha mansa do rio, a linha distante do grande mar Oceano, e adivinhar a ponta cinzenta do Cabo Espichel.

Abandonemos a paisagem. Ao cabo da estrada, no seu largo desvio para a direita, ergue-se como que um monumento em pedra — pedra talhada a escopro e cinzel. As linhas são sóbrias e discretas.

Com uma fila de ciprestes, duas oliveiras e uma piteira — o céu já é azul e o sol dum brilho sem par — poderemos pensar que estamos nas costas suaves do Mediterrâneo, nas terras sagradas da Grécia, na serêna Ática.

Uns passos mais — e é o deslumbramento.

O Estádio está ali na pureza da pedra branca e viva, na

depois, terão, decerto, mais respeito pela pedra do que pelo cimento; pelo trabalho do homem do que pelo da máquina; pela vida de ar livre do que pela das salas fechadas, escuras e cheias de fumo.

Magnífica lição a dêste Estádio Nacional...

O hemiciclo abre-se sôbre o vale fértil, sôbre a terra por onde serpenteia o Jamor. Onde estava uma colina, abriu-se — ao ar puro e lavado, ao sol e à chuva — mais êste pulmão por onde a cidade, pelos seus elementos mais novos, mais sãos, mais fortes, já pode respirar.

A História, como as montanhas, só se pode ver a distância.

Um dia virá em que alguém se debruçará sôbre a História dos nossos dias. E encontrará o caminho sinuoso e mal empedrado, e encontrará o resto, e as bancadas pilhas e reles dos campos de jogos espalhados pela cidade; e depois disto tudo (que só verá em velhas fotografias amarelecidas

CABEM, AQUI, CINCOENTA MIL ESPECTADORES

e gastas pelo tempo — abençoado tempo!) verá esta obra magnífica, sóbria, imponente, que é o Estádio Nacional, aqui às portas de Lisboa.

E êsse alguém — quem? quando será? — recordará, certamente, as palavras que um homem de gabinete e de estudo, um professor que ensinou alunos e um povo, proferiu um dia:

«*Que pena me faz saber, aos domingos, os cafés cheios de jovens, discutindo os mistérios e problemas da baixa política, e, ao mesmo tempo, ver deserto êsse Tejo maravilhoso, sem que nêle remem ou velejem, sob um céu incomparável, aos milhares, os filhos dêste país de marinheiros!*»

E não esquecerá estas outras palavras:

«*Regosijemo-nos, porque teremos, em breve, o Estádio Nacional!*»

Palavras que não eram só uma promessa e que hoje representam uma realidade magnífica.

Regosijemo-nos. Temos o Estádio Nacional.

harmonia das linhas regulares e sóbrias, no conjunto forte e serêno.

As bancadas descem em hemiciclo até ao tapete verde de relva da pista, onde vão desenrolar-se os combates de velocidade e destreza, os jogos em que há fôrça e agilidade. Aí tremularão, ao vento, bandeiras e insígnias; galhardetes e guiões. Aí desfilarão, em passo ginástico, rapazes novos, homens novos, corpos fortes e sãos.

E tudo será — necessàriamente — jovem e belo. Na realidade, a impressão dominante que se colhe é esta: serenidade e beleza, fôrça e beleza, juventude e beleza.

Cincoenta mil espectadores poderão aplaudir, neste Estádio Novo, a Mocidade de Portugal. Mais ainda, êsses cincoenta mil espectadores vão colher, sem o suspeitar, uma profunda lição que só lhes pode ser útil.

Aprenderão que é na simplicidade que reside a beleza, que é no respeito pelas regras imutáveis que vive a harmonia, que é na fôrça que palpita a essência do eterno. E,

AS NOSSAS RÊDES DE PESCA

Ou: — "Ninguém vê o que tem junto de si..."

Fotos de Kahn e Manfredo

HAVERÁ quem pense, vendo as fotografias que reproduzimos nestas páginas: — «O assunto é fotogénico, mas monótono. As rêdes de pesca são tôdas iguais...» Esta mesma impressão pode, aliás, colhê-la quem as vê, ao longo das praias do nosso litoral ou das margens dos nossos rios — estendidas ou penduradas, à transparência da água ou entre as mãos dos pescadores. As rêdes parecem tôdas iguais...

Mas, não terá permanente actualidade a célebre frase de Demócrito: — «Ninguém vê o que tem junto de si e todos querem esquadrinhar os

Fotos de Mário Novaes e Kahn

espaços celestes»? Há um livro — pelo menos — que nos responde, nesta circunstância, afirmativamente: um *in-folio* de mais de quinhentas páginas, das quais cêrca de cem tratam, apenas, das nossas rêdes. Essa obra, editada pela Imprensa Nacional em 1892, intitula-se «Estado actual das pescas em Portugal» e foi seu autor o oficial de Marinha Baldaque da Silva.

Para alguns economistas e etnógrafos não serão estranhos êstes nomes. Mas para os leigos... Todavia, que autor respeitável e que livro magnífico! Se abríssemos, nesta revista, uma secção bibliográfica das *obras onde melhor se aprende a conhecer Portugal*, esta seria uma das primeiras.

Folheemos, ràpidamente, as páginas dêsse capítulo: — *Rêdes de pesca do alto. Rêdes de pesca costeira. — Aparelhos de rêde de enmalhar. Aparelhos de rêde envolvente. — Rêdes permanentes; de fundo; de superfície; de cêrco-volante; de arrastar; de suspensão...* Títulos dos géneros. Agora as espécies, com os seus nomes tão curiosos: — *zangarelho, rasca, petisqueira, sardinheira* e *ganapão; caçonais* e *corvineiras; majoeira, branqueira, saval* e *valo; galeão, barca-volante, atalho, tarrafa, côador, bugiganga, murgeira, chávega, chinchorro, lavada, solheira, bosca, encinho, copo, rêde-pé...* E mais!

Leiam-se, depois, os descritivos e vejam-se, com atenção, as ilustrações. — Afinal, são tôdas diferentes. No feitio, no tamanho, nas peças de que se compõem, nas malhas, na aplicação, na técnica. Tôdas muito diferentes!

«Ninguém vê o que tem junto de si . . .»

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

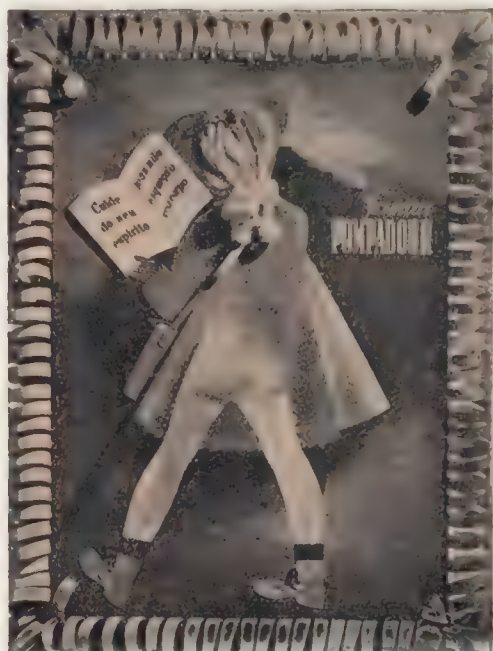
*I*MAGINEMOS *uma cidade sem montras. É, relativamente, fácil. Se fecharmos os olhos por momentos, o panorama desenha-se, nítido: — Portas, apenas, por essas ruas fora, ao nível do nosso olhar... Portas e paredes nuas, frias, tristíssimas. Quando muito, um ou outro cartaz colado numa esquina, um letreiro, uma taboleta, e o manequim duma alfaiataria distraída que deu um passo audacioso para o passeio da rua...*

Agora, preguntemos: — Com que seria parecida uma cidade sem montras? Alguns, dirão: — com uma cara sem olhos; outros: — com uma bôca sem dentes; outros, ainda: — com um livro para crianças, que não tivesse gravuras.

O que quiserem. O certo é que seria uma tristeza. Nem valeria a pena haver domingos na cidade. Pior: nem valeria a pena vir da província à cidade. Ao menos, na província, há árvores e pássaros a enfeitar a paisagem e a justificar o sono, quando a tarde cai... — pensariam os forasteiros.

Não é para entreter, inconseqüentemente, o leitor, que fantasiamos êste soturno espectáculo. É para relevarmos a importância do papel que as montras desempenham nas cidades. É para que passemos a olhar para elas com mais simpatia, com alguma ternura e, até, com gratidão...

Montras ornamentadas por: Tom, Maria Keil, Roberto de Araújo e Jorge Matos Chaves, Estrêla Faria e José Rocha

Montras ornamentadas por: Maria Keil, José Rocha, *Loja das Meias,* Roberto de Araújo e Estrêla Faria

*I*MAGINEMOS, *agora, uma cidade em que tôdas as montras fôssem artìsticamente ornamentadas. É, relativamente, fácil. Se olharmos com atenção para as gravuras destas páginas, o panorama desenha-se, nítido: — Os mostruários das lojas chamariam por nós, obrigar-nos-iam a parar, a sorrir, a admirar...*

Viria muita gente da província, talvez doutros países, de-propósito para deambular pelas ruas — que seriam como permanentes e sempre variadas exposições de arte, ao alcance de todos os gostos.

Nem faria mal, então, que houvesse algumas montras detestáveis, ornamentadas à base de bota-de-elástico... *Até faria bem, por contraste. Desde que na maioria predominassem — como nestas — a imaginação, a novidade, a simpatia, a graça. Desde que se olhasse para os objectos expostos e êles nos despertassem, além do desejo de comprá-los (que é, já se sabe, o que mais interessa aos comerciantes), além de um sorriso bem-humorado (preciosidade que raras coisas na vida nos despertam), o desejo de saber quem teria sido que inventou o arranjo, compôs o estilo e realizou a ornamentação.*

Foi por estas razões — e por já haver no nosso país um grupo considerável de artistas decoradores especializados neste género — que o S. P. N. resolveu abrir, em Lisboa, concursos de montras ornamentadas.

AS MONTRAS DEVEM SER ASSIM

Reportagem Lírica da Aldeia de Gramáços da Beira

por

MERÍCIA DE LEMOS

À entrada da aldeia, um cipreste altaneiro faz a guarda. Num caminho da serra, meia dúzia de casas brancas, meia dúzia de casas negras, a graça de uma ou outra, meia branca meia negra, e o luxo das varandas de madeira cobertas de vinha brava.

Bandeiras de papel de sêda a enfeitar as ruas. Nos telhados, bandeiras portuguesas de verde desbotado misturam-se com garotos morenos de cabelos loiros.

Encostadas aos taboleiros forrados de toalhas bem alvas, umas velhotas vendem pinhões e rebuçados aos homens de fato domingueiro e que já trazem uma pinguita a mais, e às mulheres de blusas e aventais estreados.

Foram de manhã à missa e ao sermão. Á tarde admiraram as colchas de chita, fustão, ou de damasco, pendentes das janelas.

Ao tocar do sino, a irmandade forma no largo a procissão. É o andôr do Senhor San Roque e mais o do Senhor San Joaquim, e o de Santo António e o do Senhor São José, e os pendões, o pálio, e o andôr de Santa Ana, a oferta, a Senhora da Luz, e ainda a música.

O povo vai atrás: quási todo de preto – penitência; um ou outro de claro – inocência... absolvição...

A música, mais para ser vista do que ouvida, toca ingènuamente tòda a beleza da hora e a feiura dos Santos, das flôres de papel, das tarlatanas, dos canotilhos e daquelas bolas de côres, que são de vidro e brilham mais ao Sol.

A procissão vai dar a volta à terra.

Sorrio, divertida e encantada...

Saio da janela e passo à varanda, para olhar por entre a trepadeira.

...Eu a julgar que ficava, e vou também!

Já não sei o que é feio, o que é lindo, ao ver os Santos e as opas vermelhas e brancas por meio das oliveiras.

A música já vai misturada do sussurro do vento nas árvores, do balido das ovelhas que se adivinha ao longe e do murmúrio da água do ribeiro.

O sino da capelinha, que é aqui mesmo ao lado, toca sempre.

O Sol vai de caminho alumiando os campos. O Sol bem sabe que êste domingo é o da festa da Senhora da Luz, em Gramaços!

Já deixou a estrada a procissão... e segue por entre as vinhas, os pinhais... por causa duma macieira baixam-se os andôres... ao passar pelo Casal há chuva de flôres!

Ao ver a procissão, ao vê-la ao longe, sinto-me de todo enternecida. Parece-me ser o meu corpo que serpenteia por entre as leiras de couves e as figueiras, e que são os andôres braços meus erguidos ao Céu a pedir bençãos, e as opas vermelhas os meus lábios a aprenderem preces. Quere o meu coração ir também, sob o pálio. Todo o meu corpo é pó do caminho e são os vultos de preto os meus pecados.

Misticismo pagão da procissão, com que confundo a minha pureza misturada de materialidade.

Eu mais não serei que imperfeição, mas a procissão foi linda. Bem haja!

Ei-la que deixa os campos e volta aos caminhos.

Foi pobre a oferta: um pão de ló, um prato de arroz dôce, um chouriço, uma galinha, uma dúzia de maçãs. Foi pobre de dádivas, rica de agradecimentos, que eu bem vi os olhos daquele velho, rasos de lágrimas. ao ver as oliveiras carregadinhas, e aquela mãe apertando bem ao peito o seu filhinho curado das maleitas.

Também nada vale o que digo: é simples a expressão, mas foi bem viva a emoção dêste domingo de Setembro.

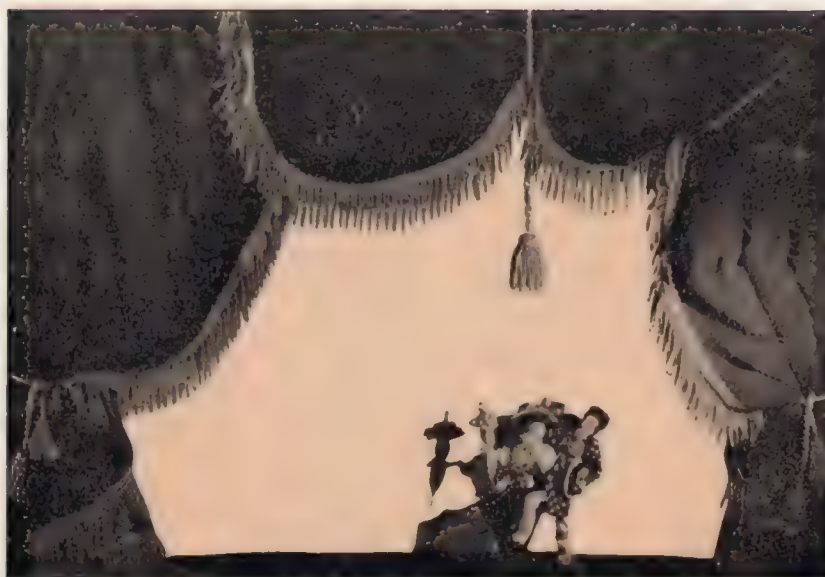
Seria a procissão, ou seriam uns olhos que vi e me lembraram outros olhos?

Ou a graça de um canteiro de sécias junto de uma leira de feijão?

Ou êste ar tão puro?

Ou tôda esta singeleza que tanto tem de santa — que me dá esta impressão de estar para sempre lavada de pecado?

Ou será milagre do Senhor San Roque, ou do Senhor San Joaquim, que eu olhe como irmão aquele borreguinho branco?

Desenhos de Bernardo Marques

Escultura de Trapo

HÁ retratistas dotados de tão apurada memória visual que lhes basta um olhar de relance para fixarem na retina, com nitidez e exactidão, uma cara, uma atitude ou um gesto. Depois, conforme o seu temperamento psicológico e o estilo, a *maneira* da época, ou os reproduzem por um processo analítico ou por um processo sintético. Exemplificando, diremos, *grosso modo*, que eram analíticos os retratistas primitivos e que são sintéticos — depois dos *impressionistas* — quási todos os modernos.

Outros há, porém, cuja visualidade actua irònicamente, quási satânicamente, ampliando ou deformando os pormenores mais característicos do modêlo. São os caricaturistas. Tivemos vários, entre nós, como (para citar o mais notável) Rafael Bordalo Pinheiro.

Temos outro, agora. É Júlio de Sousa. E êste, com a seguinte particularidade: — é escultor, e tôda a matéria lhe serve para dar forma plástica e expressão inconfundível ao seu extraordinário talento de visual-humorista. O barro, a madeira, a fôlha de Flandres, o trapo...

Júlio de Sousa pega em qualquer destas matérias e... é um perigo! Dentro de breves minutos sai dos seus dedos ágeis, habilidosíssimos (diabólicos!) uma figurinha animada que tanto pode ser um tipo popular anónimo (uma varina, um preto de batuque, um fadista de profissão), como um sujeito célebre ou uma pessoa da nossa família.

Nos últimos casos, o efeito é infalível: todos reconhecem, imediatamente, o modêlo (a vítima!...) e ninguém pode conter o riso.

A escultura em trapo é a sua última especialidade. Com essa ingrata matéria Júlio de Sousa faz caricaturas assim, como as que nestas páginas reproduzimos — e que foram expostas pelo autor, há poucos meses, no átrio do Teatro Nacional. Certas, espantosas, hilariantes...

Cuidado, leitores!

RAMALHO ORTIGÃO
e as Caldas da Rainha

por LUIZ TEIXEIRA

Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro. (Publicado no «Album das Glórias», com a legenda: — *Grande estilo na «toilette» e na escrita)*

A Ramalho Ortigão — o «precursor do turismo» — deve Caldas da Rainha o descritivo admirável dos seus encantos paìsagísticos; a evocação enternecida dos seus arredores: — «*... nada vi jámais para lhe antepor, como tranqüila, risonha e pacífica expressão da natureza rústica e da vida rural*»; o estudo da sua graciosa indústria; a legenda de inventariação artística e literária dos monumentos, em redor; a propaganda das suas águas; o sedutor enlêvo romântico da sua crónica da época calmosa. «Acentuadamente sangüíneo, grossamente musculoso, antigo passarinheiro, caçador de coelhos e pescador de trutas na sussurrante espessura dos pinhais e na desnevada corrente dos rios», as Caldas foram, anos e anos, a atracção predilecta do seu temperamento de excursionista incorrigível.

Primeiro vinha pelo Tejo, no vaporzinho de Vila Nova. Depois na diligência que o recebia no Carregado e após cinco léguas de charneca, com escasso verdejar de hortas frescas, galgava a rua General Queiroz num barulho chocalhado de tirantes e rodas ligeiras — os três cavalos de narinas dilatadas, ofegantes, o chicote em estalidos secos no espaço, as cortinas em dança de sáia rodada no giro do vento, o monte dos baús e das malas de coiro, no alto — para o despejar na Praça velha, intacto e sorridente, acêso o comprido charuto e as fitas das lunetas balouçantes, nos braços do seu amigo Rafael Bordalo Pinheiro. Na Mata opulenta e no «passeio da Copa», entre as sombras acolhedoras dos plátanos e das faias, Ramalho animava, nas tardes sossegadas do último quartel do século, os grupos dos veraneantes repousados — Eça de Queiroz, Júlio César Machado, Mariano de Carvalho, Gomes de Amorim, os Sabugosa, Palmela, Pombal, Fronteira, Alvito, Valbom, Paraty... O vulto

Um trecho do lago do Parque e a casa de trabalho de Rafael Bordalo Pinheiro, no seu aspecto actual

isolado de Fialho passava de quando em quando, cruzando com Pinheiro Chagas, deputado pela região e freqüentemente alvo da crítica viva e contundente do jornalismo político do sítio.

No regresso de alegre burricada pelos subúrbios, com *pic-nic* nos pinheirais das encostas ou à beira da lagoa de Óbidos, Ramalho Ortigão recolhia-se ao hotel do José Paulo Rodrigues e escrevia para *As Farpas:*

«*A circunstância que dá às Caldas da Rainha a sua grande superioridade sôbre todos os lugares de vilegiatura, ainda os mais afamados em Portugal, como Sintra, como o Bussaco, como o Bom Jesus de Braga, é que esta vila é o centro da mais artística, da mais histórica, da mais pitoresca região de todo o país. Em nenhum outro lugar se proporcionam aos* touristes *mais rápidas e mais fáceis excursões encantadoras de arte e de arqueologia.*»

Passeava, no Parque, sua imponência atlética a *Ramalhal figura.* Detinha-se junto das mesas do *whist* e do *boston*, sob o folhame das árvores velhas; seguia com interêsse o jôgo do *croquet* e do «arquinho» e, à noite, entretinha-se no *club* a ver a contradança e os *cotillons.* E comentava, a seguir: — «*Há talvez um quási nada de valsa a mais do que seria útil, e falta um* lawn-tennis...»

Vão passados mais de cinqüenta anos. Agora, só raramente se dançam valsas nas noites do Casino. No Parque há vários *courts* de *tennis* — «*um dos mais bonitos atributos decorativos da paisagem de jardim*». Rareiam, com certeza, nas festas de verão as burricadas alegres que êle descreveu com a graça e a ironia do seu estilo iluminado de grandes e saüdáveis claridades de expressão. Já não aparecem as espanholas de mantilha e «abanico» nem o «músico» que tocava ao piano a «Prece da Virgem», nos serões, enquanto a «criançada lhe enchia as algibeiras do fraque com restos de fatias de pão com manteiga molhadas em chá com leite». Ao «brasileiro doente» sucedeu nos dias que correm e na mesma escala de inventário, o «reformado». Pelas alamedas a moda já não *casa o frémito dos leques e a palpitação dos espartilhos com o ramalhar dos choupos.* Continuam, porém, como no seu tempo, «*a linda avenida dos álamos, os choupos, as acácias e os pinheiros da Mata com a sombra suficiente para se passar o dia todo na fresca oxigenação do ar livre*».

Parque das Faianças

Perto vai abrir, em breve, a linda *Pousada de S. Martinho.* Aqui fica a idéia de, em lugar próprio, se escrever nesse belo edifício o seguinte trecho que Ramalho escreveu na sua crónica literária das Caldas da Rainha e se refere, exactamente, ao local onde, com notável acêrto, êle foi construído: — «*Na grande planície, em tôrno dos pingues campos de Alfeizirão, a pequena baía de S. Martinho do Pôrto parece embeber-se e penetrar na poética doçura do solo, com a voluptuosi-*

dade de um beijo aquático dado à campina pelo Oceano. Para o lado oposto do caminho até à cordilheira que vem de Sintra, e cujo perfil violáceo se esbate ao longe nas transparências do céu, é o largo e majestoso vale, salpicado de casas alvejantes, entre as vastas searas ondulosas e os densos bosques de pinheiros sôbre consecutivos e suaves cômoros virentes de vegetação brava, cobertos de fetos, de giestas e de urze, desabrochando à beira da estrada em flores que se não vêem ao longe bebidas pela grande massa verde-negra, e são as estrêlas douradas do tojo, os turbantes azues das alcachofras, e as pontas prateadas das moitas de trovisco, sôbre que caem em regaçadas do valado os cachos das madre-silvas.»

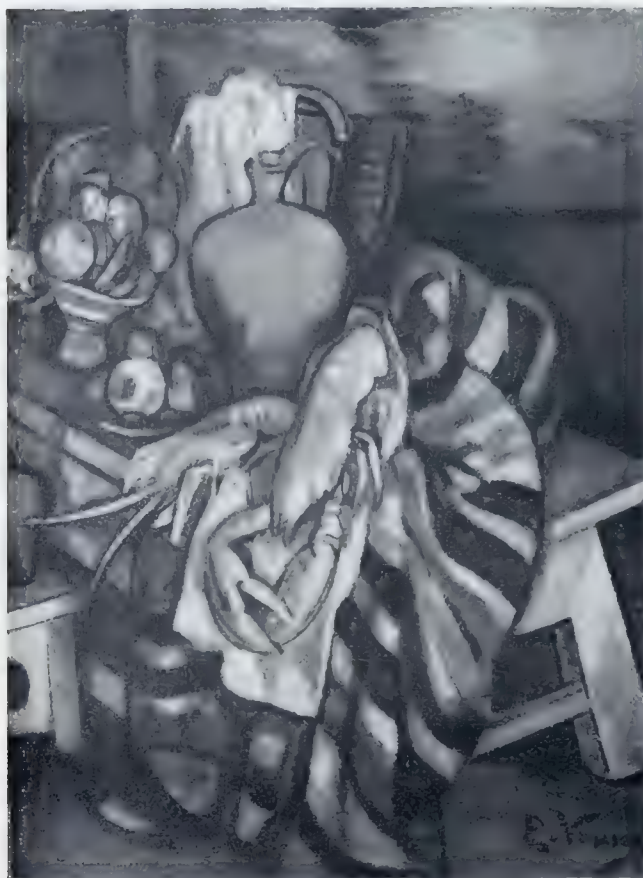
E se aos dirigentes do turismo caldense não sobejam idéias e iniciativas de real interêsse e proveito para a terra, não será, de-certo, também inútil que meditem um pouco nas sugestões apresentadas nesta carta, até agora inédita, que Ramalho escreveu ao jornalista local Gomes de Avelar:

Lx.ª 10-XI-96. Meu caro senhor Avelar. — Muito lhe agradeço os fascículos da sua revista Cavacos das Caldas, *que teve a bondade de me oferecer e que só últimamente recebi ao regressar de uma excursão de arte pelas nossas províncias de Trás-os-Montes e do Minho. São muito interessantes as notícias históricas recolhidas na sua publicação. As monografias dêste gênero são extremamente úteis para o conhecimento da nossa terra, e muito seria para desejar que em tôdas as povoações do país se encontrasse uma pessoa tão dedicada ao estudo das suas tradições como V. Ex.ª o está sendo à história das Caldas. Faço votos por que continui o seu trabalho, estendendo-o à história dos monumentos de Óbidos e à história, ainda tão mal conhecida, da Olaria e da Cestaria das Caldas. Que interessante, e até remunerativa, que seria durante os meses de verão uma exposição bem organizada da louça antiga e moderna dessa região! A secção de Cerâmica na exposição organizada êste ano por ocasião da feira da Agonia em Viana do Castelo, lançou muita luz sôbre a antiga fabricação de Darque. Nas Caldas não seria difícil, principiando os trabalhos com a devida antecipação, fazer uma coisa semelhante. Dêsse inquérito resultaria talvez aparecerem peças e marcas desconhecidas da antiga e tradicional fabricação das Caldas, por enquanto muito menos estudada que a de Lisboa, do Pôrto, de Coimbra e de Viana. Tôda a gente que vai às Caldas da Rainha pelo verão visitaria a exposição e compraria o Catálogo. É fácil calcular a probabilidade da receita, sendo bem organizado êsse lindo bazar, que seria o* clou *da estação próxima. Sôbre o Castelo, os monumentos e a história de Óbidos há muito a fazer e o assunto daria, sendo o texto acompanhado de fotografias, a mais bonita e mais curiosa monografia. Para todos êsses trabalhos aí tem à mão o melhor auxiliar no nosso amigo Bordalo Pinheiro. Am.º Mt.º Obgd.º* — Ramalho Ortigão.

Se êste documento pode ficar à margem da personalidade literária do seu autor, não deve, no entanto, ser desprezado, como mais um expressivo testemunho a comprovar as preocupações de Ramalho Ortigão «técnico de turismo».

Tôrre sineira da Igreja de Nosso Senhor do Pópulo — Mercado de Domingo (um dos lugares mais típicos das Caldas da Rainha, mostruário da riqueza agrícola e dos costumes e usos da região).

Fotos de E. Portugal e Serrano de Figueiredo.

A 6.ª EXPOSIÇÃO DE ARTE

Eduardo Viana: — «Lavagantes»
Prémio «Columbano» de 1941

REALIZOU-SE no estúdio do S. P. N. a sexta *Exposição de Arte Moderna,* instituída por êste organismo e destinada à atribuïção dos prémios «Columbano» e «Amadeu de Sousa Cardoso» (pintura), e «Mestre Manuel Lopes» (escultura).

Como nos anos anteriores, exibiram neste certame os seus mais recentes trabalhos quási todos os artistas portugueses de espírito integrado no movimento de renovação estética que abrangeu, no limiar da Grande Guerra, as artes plásticas.

É justo e oportuno acentuar-se, antes de mais nada, a gradual adaptação do gôsto do nosso público às características do *modernismo,* revelada pela crescente curiosidade com que, de ano para ano, acorre a estas exposições.

Se é certo que a grande maioria, perante um ou outro especime artístico de concepção mais abstracta ou de técnica mais audaciosa, ainda reage negativamente — ¡que longe nos encontramos do tempo (na realidade bem

José Maria Amaro Júnior: — «Serra da Louzã»

Maria Keil do Amaral: — Auto-Retrato
Prémio «Amadeu de Sousa Cardoso»

MODERNA

Tomaz de Mello (Tom): «Telhados» (Pôrto). — Mily Possoz: «Retrato». — Dordio Gomes: «Barcos no Douro». — Almada Negreiros: «Arlequim».

próximo) em que essas reacções se manifestavam em atitudes hostis e comentários explosivos!...

Não caberia, aqui, analisar as causas desta adaptação e, muito menos, prever a natureza dos seus efeitos. Limitamo-nos a verificar o facto, do qual — ainda que não ganhasse a Arte — beneficiam, muito justamente, os artistas de personalidade evoluída. Porque um esfôrço de compreensão da parte do público é já recompensa moral apreciável para quem, durante anos, lhe sacudiu a indiferença ou lhe desafiou a hostilidade.

¿Não será esta a lição que deram aos novos (e, por vezes, com que heroismo!) alguns modernistas já hoje consagrados, como Eduardo Viana e Almada Negreiros? Aprenda quem possa e prossiga quem saiba!...

O júri nomeado para apreciar os trabalhos de pintura (o prémio de escultura não foi, êste ano, conferido) escolheu os de Eduardo Viana e de Maria Keil do Amaral, atribuíndo-lhes, respectivamente, os prémios «Columbano» e «Amadeu de Sousa Cardoso» — ambos na importância de dez mil escudos.

Quem acompanhou, desde o início, a evolução admirável dos pintores premiados e sabe em que planos se colocam as suas obras no panorama da arte moderna nacional, não pode deixar de aplaudir — como nós o fazemos — a decisão do júri.

Nas Penhas da Saúde — centro dos desportos da neve em Portugal.

...e se fôssemos, êste inverno, à Serra da Estrêla?

por

Carlos Queiroz

NÃO há elemento paisagístico tão fácil de imaginar, como a neve. É-se criança, nunca se viu uma montanha nevada, mas já se sabe como é: — uma coisa assim parecida com um grande cobertor de algodão em rama...

Já naquelas récitas anuais da escola, no momento em que a neve tinha de entrar, comovedoramente, em cêna, ia um de nós para cima de um grande escadote e lançava lá do alto bocadinhos de algodão. Às vezes os flocos prendiam-se no ar e havia espectadores que julgavam ter descoberto a marosca. Exagêro de perspicácia. Porque isto, quando os anjos querem, também acontece na natureza.

Com o mar, o caso é diferente. Por mais que ensinem a uma criança como êle se exibe e comporta, a imagem nunca fica idêntica; nem chega, sequer, a tomar corpo de realidade. O serrano que vem, já adulto, com o faciès todo garatujado pelos ventos sem sal, e desce, pela primeira vez, à praia... — estamos a vê-lo, com os seus olhos piscos, meio atónitos meio desconfiados, e a memória inùtilmente voltada para aqueles descritivos apócrifos que lhe pintaram na imaginação. Não está parecido, pensa êle: é mais grande, mais bonito, mais bruto.

A neve não desmente ninguém; nem os ilustradores de baladas nórdicas, nem a gente do povo que ainda conta (ainda conta?) histórias às crianças Basta dizer a um pescador ou a um menino: — Não tem que saber, é tal qual um grande cobertor de algodão em rama...

Pela estrada, a caminho das Penhas — Depois, surgem as pistas, onde (como nesta) se pode praticar, alegremente, o mais saudável dos desportos

Assim é, para os olhos. Mas a neve não se descobre com os olhos. O seu encanto, o seu mistério, a sua poesia apenas se revelam ao tacto.

Quem nunca a viu, pode conceber o deslumbramento visual duma aurora ou dum poente, com tôdas as tonalidades reais de *rosas*, de *laranjas*, de *violetas* e de *sangue* que por ela se entornam e deslizam. Mas não a conhecerá nunca, se nunca a sentir nos seus dedos; se nunca fizer com ela uma bola, bem amassada com ambas as mãos, soprando e rindo para o ar frio, soprando e rindo . . .

Sobe-se pela primeira vez à serra. A mil e tantos

Há coisas que são do uso de tôda a gente e que se vê mesmo que foram inventadas ou descobertas por um homem. (A pólvora por exemplo). Há outras que não podem deixar de ter sido geradas num cérebro feminino. (Quantos exemplos a fantasiar)! Outras, porém, logo à primeira vista se reconhece que sairam em primeira mão da cabeça duma criança.

Não será evidente que estão neste caso os trenós e os "skis"?

Deslizar pela neve... O cinema, entre muitas outras imagens com que veio refrescar a memória — túmida e febril — da humanidade, trouxe-nos essas, deliciosamente indeléveis, dos campeonatos desportivos nas montanhas nevadas. Não é verdade que nos acompanham, generosamente, pela vida fora? Não é

No Covão do Boi — Fotos de António Lopes

Próximo das Lagoas de Loriga. — Descida da Tôrre (Como formigas, divisam-se, na neve, os skiadores). Nos Piornos: preparativos para um campeonato de skis.

metros começa a ver-se o que já sabiamos como era. Nem mais nem menos belo, talvez. Uma brancura sem igual, mas monótona. O carro — ou as pernas — vão subindo mais. Ei-la ao alcance das nossas mãos, a neve!... — Sabem, então, o que nos sentimos? Escultores! O que logo nos apetece é arrancar ao chão um pedaço daquela tangível brancura e modelar com ela, voluptuosamente, qualquer coisa: um homem, um bicho, uma árvore...

Entrementes, o que sobe por nós acima, o que invade todo o nosso ser e transborda de nós — dos olhos, da bôca, dos gestos — é uma alegria que vem do gineceu da infância. Sorrir, já não basta: é preciso rir! Falar, já não basta: é preciso cantar! Em breve, inconscientemente, a nossa gesticulação é corègráfica.

Temos um ditado antiqüíssimo (profundo e belo, como quási todos os nossos ditados) que diz assim: — «Se queres aprender a orar, entra no mar.» Não seria forçado parafraseá-lo dêste modo: — «Se queres aprender a rir, entra na neve.» Aprende-se, palavra... É um riso que sai inteirinho de nós, isento das mazelas humanas, complètamente despido de malícia e de ironia.

verdade que nunca se recusam, quando as invocamos, e sempre nos fazem bem? — Lá vem êle, lá do alto, o tronco inclinado para a frente, a cabeça levantada, os braços abertos, um grande sorriso na bôca ... Em vão se buscam outras imagens que mais lìmpidamente exprimam o nosso ansêio de felicidade, de alegria, de saúde, de liberdade. Outras, como voar ... Outras, como cair num pára-quedas ... Os homens as macularam. Já não refrescam — escaldam. Já não servem. Estas, apesar-de tudo o que estamos a pensar, resistem, incólumes. É o milagre da neve.

Todos nós sabemos que em Portugal há neve. Nos invernos mais rigorosos visita quási tôdas as províncias, uniformizando a fotogénica policromia das nossas paìsagens. Mesmo em Lisboa, já nalgumas manhãs nos foi difícil identificar a fisionomia da cidade, com os telhados todos brancos, monótonos e tristes. Porque a neve, nas cidades, é triste. Principalmente, quando não cai em abundância — quando não satisfaz o nosso tacto. Não podemos modelá-la; não podemos enterrar-nos nela até aos joelhos; não podemos sonhar, como possível, o deslizar, de trenó ou de "ski", nas ruas ou nos telhados ... Todos sabemos, também, que onde ela cai abundantemente e se demora, é na Serra da Estrêla. E já ouvimos dizer ou vimos com os nossos olhos, lá mesmo ou em fotografias, que os *desportos de inverno* são, nela, praticáveis.

Ali, a tal imagem indelével ("lá vem êle, do alto, o tronco inclinado para a frente ...") que o cinema nos deu, é fàcilmente realizável. Basta cair algumas vezes — rindo; não acertar com o jeito e com o ritmo — rindo. E há, até, quem nos ensine e acompanhe, sem nos achar ridículos ...

Todos sabemos isto, mas esquecemo-nos. É pena. Porque ali, na Serra da Estrêla, espera-nos essa alegria ímpar, sem malícia nem ironia, que só a neve, só o contacto com a neve pode fazer-nos sentir integralmente.

... E se fôssemos lá, êste inverno?

Vista parcial da Covilhã. — Subindo a pista do Covão do Boi. — Não é sonho nem cenário: é um trecho autêntico da paisagem da Serra da Estrêla, entre Covilhã e as Penhas da Saúde. — Fotos de António Lopes

Ciclone no Cais do Sodré

Os movimentos do popular *dancing* de Nova Orleans e do *Big Apple* são ainda côr, nos frenéticos rítmos e no delírio coregráfico dos «swings»: azues, verdes e negros intensos, tons

vermelhos, de laranja e de tijolo. Do desenho fica apenas a solidez da estrutura geral, porque o pormenor desaparece, incessante e fugazmente, na vertigem das contorsões, dos passos, das acrobacias... *(Cêna no Savoy Ball Club)*

Rua da Achada (Alfama)

EXPOSIÇÃO DE CARLOS BOTELHO

Longe do país e do ambiente em que viveu, no gigantesco monumento da Liberdade, em frente de Nova York, Carlos Botelho sente a comoção duma paisagem de Inverno, inteiramente nova para si.

Os primeiros planos parecem de tons grís, verdes e lilazes, com traços negros de árvores desfolhadas. A seguir o rio, barrento, pezado e disforme. Para cá da margem os planos mal se distinguem, sem qualquer interêsse de estrutura arquitectónica. E para lá, o desenho ainda mais perde o rigor na massa espêssa das águas e na cortina nevoenta que tolda as vagas linhas do horizonte. Apenas o silvar cortante dum pequeno «ferry-boat» dispersa parcelas de eco numa atmosfera serêna, sêca e fria. Depois, uma estreita coluna de fumo negro, projectada verticalmente, traça por algum tempo o trajecto do «ferry-boat» na superfície líquida do rio. E se não fôsse isto, dir-se-ia que a paisagem sentida, vista da simbólica estátua monumental, era como que um momento suspenso da sensibilidade.

Cegos

O Artista quere guardar a recordação dêste momento que lhe acordou no ser vibrações confusas.

De nada lhe interessam pormenores insignificantes: é tudo côr, feita de grandes massas e gradações subtis. E esboça, num cartão, o que não é talvez exactamente o que os seus olhos vêem, e tudo o que parece lá estar, mas a materialização do que marcaram na sua sensibilidade aquelas notas essenciais.

E, assim, traz Carlos Botelho, de Nova York e de Nova Orleans, de Manhatan e de Broadway, das docas e das margens do Mississipi, lembranças em que a sua alma e a da Natureza parecem confundir-se através de aspectos cromáticos de carácter singular.

Passados meses, neste canto da Europa, suave e sorridente, o pregão duma varina que sobe a Costa do Castelo, num cenário quási de fantasia, é a única nota viva naquela quadra outonal, em que a macia luz da tarde ainda não esbateu e doirou a policromia alegre das casas, dos muros, dos telhados e da calçada. E dêste momento fica apenas, bem vincada, a recordação do desenho e da côr: desenho canejo e forte; sucessão de planos sem convencionais gradações de tom, e luz intensa, magnífica, no céu azul e radiante, e no recorte pitoresco do casario...

Lisboa é para Carlos Botelho um jôgo habilidoso de carpintaria cénica, pintada com a sua paleta rica e fresca de rosas, brancos e laranjas, grís, verdes, cinzentos e azues.

— V. Ex.ª não acha monótona a Exposição?... V. Ex.ª sabe, eu não percebo nada disto, mas tenho a impressão que os quadros da América do Norte e os de Lisboa são todos feitos da mesma maneira, não é verdade? pregunta insinuante, num sorriso intencional e tímido, o Senhor Godinho, aplicado funcionário duma repartição de Contencioso.

— Sim, Senhor Godinho, talvez, no processo. E assim parece que deva ser. Será essa uma das marcas inconfundíveis da personalidade e do talento do Artista.

Independentemente da forma por que dispõe a massa cromática, o Pintor tem acordes tonais que o caracterizam, como de tantos outros se distingue o timbre da sua voz; tem maneiras típicas de modelar, como são bem suas certas inflexões quando fala.

Carlos Botelho é um artista superior: não é dominado pela técnica nem escravo de princípios prévia e formalmente estabelecidos. É absolutamente sincero e honesto na sua profissão. Cada vez mais se afasta das enfáticas preocupações literárias, do superficial e acanhado realismo. As criações do Artista nascem directamente da sua alma, embora a verdadeira procedência seja, de facto, a Natureza. O seu processo, espontâneo e forte, procura a síntese gráfica e cromática. Busca apaixonadamente o desenho esquemático e a côr, na sua máxima espiritualidade e transparência.

«Uma paisagem não é verídica, senão quando o artista possa dar a sensação do ar luminoso que a banha» — dizia Mauclair, pensando nos impressionistas.

Nos retratos Botelho recorda a constante preocupação de Van Gogh: — «Tenho um mêdo horrível de perder a correcção da forma!».

Beatriz, Raquel e *José*, com o desenho das figuras contornado, a luminosidade intensa, vibrante nos azues, verdes, carmins e amarelos claros, são exemplos bem evidentes duma intenção, dum temperamento e duma técnica. *Josefina Botelho*, de côres planas, é a obra em que o Pintor simplifica ao máximo, dentro do rigor das formas, a modelação, o desenho e a côr.

Mas — peço-lhes encarecidamente, senhores críticos e cronistas de Arte — não vejam mais no Pintor a preocupação de nos dar atmosferas ou expressões psicológicas. Não, nunca! porque o mundo estético de Botelho é de interpretação. A representação não está, decididamente, no seu programa.

Carlos Botelho tem um temperamento requintado; detesta o lugar comum e nunca procura lisongear o gôsto do público. É, enfim, um artista independente, sem espectros, sem compromissos, sem servilismos académicos: o objectivo do Artista consiste em materializar as suas, bem suas reacções perante a Natureza.

A atitude independente de Carlos Botelho não é só de agora, é de todos os tempos, é de sempre — Cezanne, Van Gogh, Utrillo...

— «Olha para êste momento que passa — digo eu ao anão Dêste pórtico desce uma rua para trás; por detrás de nós há uma eternidade. Não será necessário que tôdas as coisas que podem correr tenham já passado uma vez por esta porta? — proclama Nietzsche, no Zarathustra — não será necessário que tudo o que pode acontecer tenha acontecido já uma vez no decorrer do tempo? ...O tempo também é, êle próprio, um círculo!...».

LUÍS REIS SANTOS

Fábulas e Parábolas de Turismo

* * *

A ACÇÃO IMPORTANTE DA SENHORA MARIA E DO SENHOR MANUEL NO PROGRESSO DAS TERMAS DE ALCAPARRIM

Em Alcaparrim da Serra havia (e ainda há, por sua felicidade) uma fonte, donde corria água quente — água quási a ferver. Tanto assim que nessa aldeia, nunca, desde o tempo remoto dos Afonsinhos (segundo por lá se dizia), precisaram as gentes de fazer fogo para os governos da casa. Caixas de fósforos, ou de palitos, segundo a expressão local, foi mesmo género que jamais teve ali grande consumo. O cigarrinho acendia-se com isca de trapo, fusil e pederneira. Para assar castanhas, sardinhas, naco de bom chouriço, ou para, em noites de plena invernia, manter brasa na lareira, e junto dela aquecer corpos, existia no povoado uma espécie de culto de Vesta, mantido pelo mulherêdo. Propagava-se o fogo necessário, com o simples rôgo, logo correspondido: «Ó vizinha, dá-me lume!?...». E trazido êle na ponta dum sarrafo, pronto de lar em lar se espalhava. De resto, e para o resto, era a fonte que tudo fornecia.

Água, onde só bastava mergulhar uma galinha morta, para imediatamente se lhe tirarem as penas, com a mesma facilidade com que se arrancam as fôlhas a um bem-mequer. Água, onde se fazia uma barrela que punha a roupa tão alvadia como se andasse três dias no estendal. E água também, de tanta virtude, que bondava pôr-lhe dentro braço ou perna emperrada com dôr, para num relâmpago ficar um sujeito em geito de ferrar, sem custo, um bom murro ou um bom pontapé. Água, enfim, que por todos estes vastos predicados, foi a fortuna de Alcaparrim.

É que, primeiro, deteve-se junto dela, fumegante em sua nascente, um médico da Vila, senhor Doutor Qualquer Coisa, ali vindo por causa de umas eleições. E quando com ela se deparou, parou e ficou-se de olhos postos no seu cachoar, como se lá visse torvelinhar miragens. E tornou com mais dois parceiros, semanas adiante. E cochicharam à beira da fonte. E subiram, sempre cochichando, ao tôpo dum outeiro vizinho, considerando os campos ao derredor.

É que, em segundo capítulo, meses passados, o Presidente da Câmara, mais outros doutores e mais outros indivíduos bem parecidos, andaram de novo a mirar o cachão vaporoso e os terrenos em tôrno, sob as vistas do povo espantado e desconfiado. Aquietou os ânimos dos alcaparrinos o sr. Abade, com quem os taes se demoraram tôda uma tarde, no passal, em misterioso entretem. Que sem lhes dar prejuízo, antes proventos, pois a serventia da fonte sempre seria respeitada — lhes afirmou o pároco — em breve e cêrca, se ergueria um casarão com muitas banheiras, para nelas e naquela água buliçosa e milagrosa (ao que afirmavam entendidos) pessoas ricas da cidade buscarem alívios a seus muitos males. E com isso entraria dinheiro em todos aqueles fogos. E Alcaparrim seria nomeada, não só em Portugal, mas até pelas Espanhas, e Franças, e Inglaterras — por todo o mundo, enfim.

É que, por fim, assim aconteceu, com efeito.

A casa, tôda em cantaria, levantou-se. E foi maravilha e orgulho do povoado.

As novas termas de Alcaparrim florescem. Já cartazes pimpões, por estações de caminho de ferro e esquinas de cem burgos maiores, dão pregão de seus predicados. Já se conta por artigos de jornais que a sua água quente é a mais excelente de quantas por outras fontes semelhantes refervem. (Parece que é espantosamente oligosalina, sedativa e senhora duma radioactividade assombrosa). Já

no ano passado, tôdas as manhãs, à volta do manancial, agora a bica jorrando em tanque de granito, com uma cercadura de azulejos, bancos de pedra e vasos com sardinheiras, se agrupavam, beberricando copinhos, os aquistas primeiros — senhoras e sujeitos hospedados na Pensão Guimarãis, da Senhora Dona Luíza do mesmo apelido. E já tôdas elas e todos êles falavam com enlêvo da Senhora Maria e do Senhor Manuel.

— Mas quem serão, afinal, estes dois figurões? — a seus botões preguntarão, desde as regras do título, quantos, com paciência, têm vindo a ler êste boletim do nascimento das Termas de Alcaparrim.

Lhes responderei que, simplesmente, os dois criados da Pensão Guimarãis.

Ela, a Senhora Maria — servente dos

quartos, e ajuda da cozinha e copa, nos intervalos. Êle, o Senhor Manuel — fâmulo da mesa, porteiro e quanto mais fôsse de conveniência, a qualquer hora do dia e da noite.

Duas dobadoiras, duas solicitudes exemplares, dois prodígios. Ambos antigos serviçais da Senhora Dona Luíza, que foi dama de posses e de boa educação, e, para remedeio da sua viuvez e velhice, muito simpáticas, se lembrou de montar a primeira pensão das novas termas, naquela povoação da Serra e casa que fôra de seus pais.

Quinze quartos bem arranjados e bem arumados, que Maria, multiplicando-se, trazia num brinco de limpeza. Salão com cinco mesas, que Manuel servia, multiplicando-se também, com mimos e gestos como lhos não ensinara, melhor, chefe italiano ou suíço. Nunca e jamais, Senhora Maria — criada de Vossa Senhoria — ela própria escarolada, aprimorada em suas vestes serranas, apressada como se corresse a todo o momento para altar de casamento, deixou de vir a qualquer chamada com prontidão e com um sorriso amável; adivinhando até na maioria das vezes o que dela se pretendia. Nem uma falta de água ou de flores nos aposentos. Nem um descuido nas horas do pequeno almôço. Nem uma cama por fazer, à volta do beberrete matinal. Nem meia-noite dada, sem que ainda sirandasse pelos corredores, nos últimos aprestos da jornada. Nem — isso nunca e jamais! — palavra de turva resposta nos seus lábios de mulher diligente e paciente. Nunca e jamais, também, Senhor Manuel — criado de Vossa Excelência — aprumado como um escudeiro de casa fidalga, irrepreensìvelmente escanhoado, esmerado no seu branco jaquetão sem nódoas, mãos lestas, olhos mais lestos ainda, pôs demora num prato ou desmasêlo num trato. Nem uma falha no serviço correcto e discreto. Nem um copo sem vinho no instante preciso. Nem um recado que não fôsse dado. Nem — isso nunca e jamais! — um modo brusco a insistência inexplicável de hóspede da Pensão Guimarãis. Onde tudo corria, por amor dêles, e principalmente pelo amor dêles, no melhor dos mundos.

Já no morro cimeiro e fronteiro ao edifício dos banhos e da fonte, por Alcaparrim, neste duro inverno, tem andado brigadas de trolhas e de carpinteiros a levantar o futuro Grande Hotel. Cento e cincoenta camas. Ascensores. Água fria e quente — naturalmente — em todos os quartos. Sala de jantar como a dum paquete. Mais outros grandes salões...

Alcaparrim vai ser estância da moda.

— Se tiver criados como o Senhor Manuel e a Senhora Maria, é natural — é — que possa progredir e vingar. Eu, pelo sim, pelo não, vou outra vez para a Pensão Guimarãis — pensam os aquistas primeiros. Assim êles ainda lá estejam...

Está, com efeito, o futuro de tôdas as estâncias, nas mãos de todos os Manéis e tôdas as Marias — criados de Vossas Excelências ou de Vossas Senhorias — desde que sejam como devem ser. Como têm sido os desta pensão extraordinária, da Senhora Dona Luíza, pensão embora de menor vulto e valor aparente de quantos grandes hotéis de termas se construam ou venham a construir.

Águas de Alcaparrim ou do mar, como ares salutares de campo ou de serra, por tôda a nossa terra se encontram a cada

passada. Por caldas ou por faldas de outeiros, areaes ou pinheirais marinhos, se passam férias, se fazem curas, se matam securas da vida citadina. Pontos é que, tal como o povo diz, onde se venha se tenha um hotel, pensão, hospedaria ou albergaria — abrigo de bom parecer. E pontos é que nele haja cama branda e limpa, mesa limpa e amável!... E pontos é, mais do que tudo, topar afável criadagem — Marias e Manuéis sabendo do seu ofício.

Está, efectivamente, nessas mãos humildes e prestáveis (ainda que isso não pareça) o desenvolvimento e porvir de todo e qualquer Alcaparrim, por mais oligosalina e radio-activa que seja a linfa das suas fontes, por mais luxuosos que sejam os hotéis erguidos pelos seus montes. Não há praia nem palácio que resista a criados desleixados. Nem turismo — onde fôr — com êles medra.

Que isto de Alcaparrim da Serra, da Senhora Maria e do Senhor Manuel, já viram ser uma fábula. E bom era que não fôsse. Antes realidade.

Porque se vamos só a fabular, então se me permita enfabular mais um adágio novo, em têrmo a esta fantasiosa história de termas, e que será:

Turismo com maus criados,
Mal criados,
Tem os seus dias contados.

AUGUSTO PINTO

Desenhos de Cândido

Litografia de Matisse

O Instituto Francês em Portugal promoveu, há meses, em Lisboa, no Museu Nacional de Arte Contemporânea, uma *Exposição de Gravura Francesa Moderna,* constituída por «madeiras», litografias e águas-fortes assinadas por Manet, Toulouse Lautrec, Matisse, Segonzac, Vlaminck, Laboureur, Hermine David, Marie Laurencin, Dufy, etc.

Embora nem todos os mestres franceses contemporâneos estivessem representados (e alguns dêles o tenham sido por obras inferiores ao nível da sua melhor produção) impôs-se, dessa visão de conjunto, o reconhecimento de que a França mantém, na nossa época, o mesmo culto por êsse aliciente género de arte que desde o século XV nela

EXPOSIÇÃO DE GRAVURA FRANCESA

encontrou — mais, talvez, do que em todos os outros países — admiráveis especialistas e apaixonados apreciadores.

Se é arriscado afirmar-se que existiu, depois do *impressionismo,* uma escola de pintura com características diferenciadamente francesas (o que se entende por «Escola de Paris» foi um grupo hecterogéneo em que predominavam artistas estrangeiros de mais vigoroso poder inovador, como Picasso e Modigliani), talvez o não seja, dentro da mesma época, em relação à gravura — modalidade em que não foram superados alguns dos artistas que nesta exposição se fizeram representar, e outros (como o grande Daragnès) cujas obras, mundialmente admiradas, revelam a pujança e a frescura duma tradição nacional, secular e ininterrupta.

C. Q.

Gravura de Laboureur. — Litografias de Vlaminck e Hermine David

Os telhados de Lisboa

por

António Lopes Ribeiro

NUNCA gostei de andar na rua sem chapéu. E como tenho para mim que os gostos se discutem, discuto o gôsto de quem o faz.

Um homem que anda na rua sem chapéu lembra-me sempre um açucareiro sem tampa. Acho tal moda tão impudica e disparatada, como seria a de andar sem calças ou sem casaco. O vestuário, como tudo, tem as suas normas, as suas leis. E desrespeitá-las, a pretexto de economia ou de higiene, parece-me dum pretensiosismo fácil e vulgar.

Ora, como os telhados são os chapéus das casas, condeno a moda arquitectónica de os esconder, por desumana e imprópria. E ouso mesmo dizer (aqui muito para nós) que o arquitecto de hoje recorre à escamoteação sistemática dos telhados por ter perdido o segrêdo de bem proporcionar as suas abas protectoras com as dimensões da fachada.

Peçam a uma criança que desenhe uma casa. Começa sempre por rabiscar o telhado!...

Uma casa sem telhado é uma casa sem confôrto exterior. E é a ausência do telhado o que torna uma ruína verdadeiramente desoladora.

Nesta Lisboa dos meus amores, são os telhados que lhe dão mais graça. Quando a gente contempla o casario, caprichoso, irrequieto, irregular, como se fôsse o de uma aldeia enorme, do Alto da Senhora do Monte ou do Castelo; quando se abrem os olhos para as bandas

do rio, do Alto de São Pedro de Alcântara, ou se alonga a vista para o Norte, sôbre o vale da Avenida, são os telhados que conseguem atenuar e até fazer esquecer, sob a sua graciosidade protectora, os tantos pormenores menos felizes que a argúcia dum urbanista poderia descobrir. A inclinação das suas águas, furtadas constantemente por outros telhadinhos (os das águas-furtadas), ajeita-se a primor à curva das colinas, desposando-a com pasmosa suavidade.

Graças a êles, Lisboa não oferece nunca, em qualquer dos seus panoramas, em nenhum dos seus conjuntos, seja qual fôr a hora do dia ou a estação do ano, a silhueta hostil de outras cidades, ouriçadas de ângulos rectos, sem nada que facilite às linhas verticais o seu encontro com o céu.

É dos telhados que vem à nossa capital a sensação de graça e de doçura que desperta. Quando se olha para ela, de qualquer ponto alto, há sempre um telhado que vem ter connosco, oportuno e afável, oferecer-nos a variedade do seu desenho e das suas côres, o matiz das suas ervas, o fumegar apetitoso das suas chaminés. E outros telhados logo se apresentam, ao mais ligeiro debruçar, todos diferentes, todos bonitos, sem arrebiques nem basófias, telhados de telha, telhados-telhados, como Deus Nosso Senhor mandou que fôssem os telhados.

Amouriscados ou de canudo, cintados ou valadios, os telhados velhos da Lisboa velha envergonham os seus irmãos mais novos e mais feios, que trocaram o tom delicadíssimo da «imbrices» romana, apto à combinação com todos os verdes de musgo, os amarelos de enxôfre e os brancos de cal, pela exótica e berrante telha de Marselha, com o seu tom de caixa de tintas barata, aperaltado e insignificante.

As tiras de argamassa, côr de marfim antigo, pautam musicalmente a grande partitura dos telhados lisboetas. E o ondulado breve dos rebordos, com ninhos discretos de andorinhas ansiando pela primavera que sempre vem, quebra a monotonia das linhas horizontais.

Quando irrompe, aqui ou além, a tôrre duma igreja, os telhados vizinhos como-que

NEM todos os artistas portugueses se esquecem de que Lisboa é uma cidade cheia de pitoresco. Assim o provam êstes telhados que se avistam da Costa do Castelo e que o pintor Carlos Botelho fixou. — Óleo adquirido pelo Museu de Arte Contemporânea.

E as velhotas mais solitárias deixam que os seus bichanos vão preguiçar ao sol para os telhados, ou correr, ao luar, a grande aventura de Janeiro...

E os namorados, debruçam-se, espiando idas e vindas, atirando beijos ou dizendo adeus...

E os pombos poisam e abalam, de telhado em telhado, trazendo as últimas bisbilhotices do Chiado, as últimas novidades do Rossio.

O que seria Lisboa sem os seus telhados? O que seriam os telhados, se não houvesse Lisboa para os entender?

Fotos de Horácio Novaes, Lacerda Nobre e Manfredo

ajoelham, reverentes, deixando sobressair o sinal da casa do Senhor.

Em auxílio dos telhados, vem muita vez a sensibilidade estética ingénita dos moradores. Povoam-nos de latas esmaltadas de ferrugem, onde florescem flores entre raminhos de salsa, donde brotam florestas pequeninas de aveludada e bem-cheirosa hortelã; deixam-nos cobrir-se, pròdigamente, até ao extremo dos beirais, de hera, de urze, de erva-da-fortuna; ornamentam-nos imprevistamente com nespereiras e embandeiram-nos alegremente com roupas multicores. E as raparigas mais alegres povoam-nos de sorrisos e de pássaros em gaiolas luzidas, luzidias, de que se riem os pardais...

Desta vez, PANORAMA foi até à Freixofeira, a caminho de Tôrres Vedras. Portanto, bem perto de Lisboa. Mas podia não ter valido a pena ··· Bastava que não tivesse acontecido isto: uma casa muito pitoresca e muito hospitaleira ter saído, de-repente, da paisagem, como uma fada! — Quantos portugueses a conhecem? É a «Casa do Roque», mandada edificar pelo Sr. Mucharreira, vai para oito anos. Com os olhos que se voltaram para ela, voltou-se a objectiva da máquina.

O nosso Sol, que é sempre amigo dos fotógrafos (mesmo dos amadores) apontou os pormenores mais curiosos: uma janela, uma chaminé, uma fonte, um nicho, uma lanterna, um relógio de Sol, azulejos da grande época... E era como se dissesse assim: — «Se queres construir em Portugal uma casa de que não venhas a arrepender-te, inspira-te, como o dono desta, numa tradição arquitectónica e ornamental de boa raiz e de bons frutos». — CLICHÉS TOM.

Reportagens Imprevistas

A CASA DO ROQUE, NA FREIXOFEIRA

QUEM sair de Lisboa de automóvel, caminho de Tôrres Vedras, se fôr pessoa de bom gôsto, com os olhos bem ensinados, tem de voltar muitas vezes a cabeça de um lado para o outro, porque lhe chama a atenção uma casa bonita, um solar antigo e bem tratado, ou uma casinhota saloia, branquinha e enfeitada com sardinheiras.

Volta a cabeça para gozar, enquanto pode, do espectáculo de bom gôsto; mas, por vezes, volta também a cabeça, para observar, com uma careta e uma praga de desabafo, o monstro que lhe feriu a vista, a casa pretensiosa, «à antiga portuguesa», arrebicada, género *Mandarim Chinês,* ou a casinha *Arte Nova, Artes Decorativas,* côr de canela ou verde sujo, com as varandas de cano e decorada com argolas olímpicas e liras de gêsso; essas casinhas, cuja existência devia ser condenada a bem do socêgo dos nossos olhos, a bem da nossa paisagem e a quem os mestres de obras, seus progenitores, chamam, com orgulho, *futuristas.*

Eu bem sei que isto não acontece só entre Lisboa e Tôrres Vedras; mas é entre Lisboa e Tôrres Vedras que se encontra a *Casa do Roque,* que espreita, discretamente, para a estrada, mas que volta a sua fachada, tôda florida e alpendrada, para um pátio enfeitado com vasos e potes com flores, pátio espaçoso onde os carros de bois podem enfileirar em parada e as pipas de vinho rolar como...

como pipas de vinho; é ali, na Freixofeira, que vive o sr. José Mucharreira, feliz e digno pai e dono daquela casa. Por isso não falo do resto.

A Casa do Roque, não só me fez virar a cabeça, como aos outros que iam comigo, mas também parar o carro, bater ao portão e pedir licença para ver e tirar fotografias. Fomos logo autorizados a entrar no pátio e a fotografar o que entendêssemos.

Disso se encarregou o amigo Tom e o resultado vê-se. Aqui estão as fotografias, que falam melhor, muito melhor do que eu.

Direi, portanto, simplesmente, que a casa do sr. Mucharreira — que entretanto chegou e nos apanhou em flagrante delito, convidando-nos a entrar e meter o nariz onde quiséssemos — é uma casa onde apetece viver, para a qual faz bem olhar; é uma casa de bom gôsto! Bom gôsto completo, absoluto, como não podia deixar de ser, visto o sr. Mucharreira ser um homem de bom gôsto.

Acham que me repito, que insisto muito no bom-gôsto?

Nunca é demais insistir neste ponto!

A Casa do Roque, assim chamada por ter sido construída nos terrenos conhecidos pelo «sítio do Roque», levou 5 anos a construir, disse-nos o seu proprietário. Começada em 1934, foi concluída em 1939. Na sua construção foram empregados todos os materiais portugueses daquela região e o seu estilo foi inspirado em outras casas, já raras, dos séculos 17 e 18, em motivos que se encontram dispersos pela região de Tôrres Vedras.

O sr. Mucharreira aproveitou, na decoração da sua casa, azulejos primitivos e outros materiais e mobiliários daquelas épocas de 600 e 700. Quiz reconstituir a autêntica casa portuguesa regional, dum lavrador abastado daqueles tempos. E conseguiu-o com excepcional felicidade. Tanto no traçado geral, como no mais pequeno pormenor, houve intenção, houve bom gôsto. Tudo com sobriedade; tudo com equilíbrio. Tudo certo, enfim.

ANTÓNIO NUNES

A paisagem do arquipélago de
CABO VERDE

por José Osório de Oliveira

O Pôrto de São Vicente — na rota dos grandes transatlânticos

QUEM, a caminho do Brasil, toque no Pôrto Grande de São Vicente, ou quem, viajando num vapor das carreiras da África Ocidental, visite também, de passagem, a Cidade da Praia na ilha de Sant'Iago, terá, inevitàvelmente, uma ideia desoladora do arquipélago de Cabo Verde sob o aspecto paisagístico. Para nós, mesmo na ilha estéril de São Vicente, em que a vida se limita à cidade do Mindelo e ao seu pôrto carvoeiro, existe uma beleza. Que beleza podem ter essas pedras, onde nem a mais leve pincelada de verdura alegra a vista? — preguntarão as almas bucólicas, que só acham formosura nos prados, nos pomares ou nos jardins, ou aquêles que em tôdas as terras dos Trópicos esperam encontrar a exuberância da floresta, como na ilha do Príncipe ou em tôrno do Rio de Janeiro. E no entanto, as montanhas rochosas de São Vicente, como as do Cabo da Boa Esperança, constituem um dos mais belos espectáculos com que a natureza pode, se não deliciar, esmagar o espírito com a sua grandeza trágica e sombria. Além disso, se lhes falta o colorido alacre da vegetação, que tonalidades maravilhosas, do côr de rosa ao roxo, do cinzento ao negro, nos dão essas pedras, à luz difusa da madrugada, incendiadas pelo sol ou ao entardecer!

Mas quem, ao desembarcar na Praia, circunvagando tristemente o olhar pela aridez dos arredores, poderá imaginar que a alguns quilómetros da cidade a natureza lhe reserva alguns trechos de paisagem, sem exagêro deliciosos? Basta, no entanto, ir até à Trindade — quinta experimental do Govêrno — ou

até à propriedade de São Martinho, para encontrar árvores de fruto e plantações de cana, para beber a água adocicada dos côcos, para morder os jambos com perfume de rosas, para ouvir o drapejar das largas fôlhas rasgadas das bananeiras, o gorgolejo da água das regas ou o gemido das moendas, num quadro de geórgica tropical. Mesmo aí, tão perto das «achadas» esquálidas que circundam a Praia, é possível, na verdade, sentir a poesia da vida rural de Cabo Verde, que um poeta realmente da sua terra — Jorge Barbosa — cantou com tão profunda comoção:

«Rumores das coisas simples da minha terra...
Dos trapiches
quando esmagam a cana para o grog
com os bois pacíficos a rodar,
sempre a rodar,
ao som dêsse canto que vem dos currais
numa cadência estranha de nostalgia,
que deixa um arrepio a morrer no ar...»

Mas o caso explica-se, pois a esterilidade do solo é a conseqüência do vento, da falta de chuvas e da inexistência ou não captação das águas. Sempre que o terreno é abrigado dos ventos dominantes — as terríveis «brisas» de Cabo Verde — , sempre que a maior altitude humedece a atmosfera — como em Santa Catarina, no interior de Sant'Iago — , sempre que se aproveitam as nascentes ou os cursos de água, mesmo

Trecho da paisagem da ilha de Santo Antão

Na ilha de Santo Antão: Um casal, na Ribeira da Tôrre. — A caminho da Ponta do Sol. — Aspecto da Ribeira Grande (esfôrço do homem no meio das montanhas adustas).

irregulares — como nas «ribeiras» de Santo Antão —, o solo de Cabo Verde é tão susceptível como qualquer outro de nos fornecer belezas naturais. É claro que essas condições encontram-se muito raramente reünidas, e são sempre um pouco precárias, pois que os ventos secos que vêm do Sahará atingem grande violência e duram meses, pois que a chuva chega a faltar

durante anos seguidos, pois que o solo é, em grande parte, rochoso e, portanto, forçosamente improdutivo. Daí a aridez proverbial de Cabo Verde, a insuficiência da sua produção agrícola e a necessidade de se tentar a correcção climatérica, como muitos preconizam, pelo povoamento florestal do arquipélago.

É certo que o aspecto mais geral que essas ilhas nos oferecem é o de montanhas nuas ou, quando muito, cobertas de erva rasteira se tiver havido chuva, como no monte chamado Verde, em São Vicente. Quem circula pelo interior de Sant'Iago não vê, geralmente, à sua volta, senão campos de pedras onde pastam cabras — que se alimentam não se sabe de quê — e sôbre os quais pairam as sombras negras dos corvos. Quando muito, os olhos do passeante descobrem, aqui e ali, um renque de tristes arbustos de purgueira, uma plantação de ásperos «agaves», uma acácia espinhosa tôda inclinada pelo vento, um ou outro coqueiro contorcido e desgrenhado. É possível, no entanto, falar da vegetação dos vales ou das altitudes como de provas da fecundidade da terra, mesmo nas ilhas de Cabo Verde. Se em São Vicente há uma única árvore frondosa, um velho tamarindo da Ribeira de Julião a que os ingleses chamam «the great tree», já vimos que em Sant'Iago há férteis, embora escassos oásis. As laranjas dessa ilha, da Cidade Velha especialmente, merecem a fama que tiveram as de Setúbal — tão célebres que até Balzac delas falou! — ou o renome que têm hoje as de Valência ou da Baía. Em Cabo Verde é possível, ainda, saborear o café do Fogo — talvez o melhor do Mundo — , ou a aguardente de cana de Santo Antão — o esplêndido «grog», tão bom como o melhor «rhum» da Jamaica. E é ainda possível dar-se o caso de a ilha Brava inspirar, a um poeta da Metrópole — Augusto Casimiro — , quási todo um longo livro de exaltação lírica em prosa, não só da gente crioula mas da própria paisagem. A verdade, porém, é que a mais bela paisagem dêsse arquipélago africano é a da sua alma colectiva, e a sua maior riqueza natural a sua população de homens do mar, marinheiros ou emigrantes, que conservam sempre a qualidade de portugueses e o amor das ilhas crioulas — pedaços de Portugal em meio do Atlântico, como a Madeira e os Açôres — «ilhas adjacentes» de Cabo Verde!

Em São Tiago: O pelourinho da Cidade Velha. — As pretas (que são excelentes lavadeiras) também têm a sua aldeia da roupa branca.

Fotos do arquivo da Agência Geral das Colónias

TURISMO

BOLETIM MENSAL DE
EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÃO é por mero acaso que publicamos, no presente número, dois artigos consagrados a RAMALHO ORTIGÃO: um de Luiz Teixeira e outro de Marinho da Silva, intitulados, respectivamente, *Ramalho Ortigão e as Caldas da Raínha* e *Ramalho Ortigão — o Precursor*, e, ainda (nas páginas dêste Boletim) uma carta quási completamente ignorada do autor admirável do *Culto da Arte em Portugal*.

Trata-se, de facto, duma oportuna e justíssima homenagem à memória de um dos escritores portugueses que mais eficazmente contribuiram — pela sua obra e pelo exemplo da sua vida — para um profundo e apaixonado conhecimento das coisas da nossa terra.

Moniz Barreto (que foi, sem dúvida, a mais notável vocação crítica do século XIX) escreveu o seguinte: — «Pelo seu amor da observação minuciosa, RAMALHO ORTIGÃO adquire e arquiva na sua memória uma quantidade prodigiosa de pequenos factos, matéria, feitio, proveniência, qualidades, preços, usos dos objectos, fisionomia, gestos, naturalidade, ocupação, relações, gostos, costumes, vestuário das pessoas e mais uma profusão de receitas, conselhos, contas, casos de experiência caseira e sabedoria prática, tudo afogado num dilúvio de anedotas, através do qual sorri, animada, a sua bela face de gigante amável».

Que a homenagem que lhe rendemos é modestíssima — seria ocioso confessá-lo. PANORAMA tem a consciência de que nem um número especial estaria à altura da verdadeira grandeza dos méritos tão singulares (principalmente por se tratar de um português) do homem, do escritor e do artista que foi RAMALHO ORTIGÃO.

Limita-se, portanto, o nosso intuito a chamar a atenção dos leitores para a sua obra imperecível, recordando que lhe devemos, entre muitos outros, o estímulo de *viajar no nosso país com os sentidos acordados* — que é, ainda, a melhor maneira de praticar o que deve entender-se por «turismo nacional».

O INTERESSANTE E CARACTERÍSTICO BURGO SERRANO, QUE É A CIDADE DA COVILHÃ, **OFERECE O MAIS FÁCIL MEIO DE COMUNICAÇÃO PARA DESPORTOS DA SERRA**

PONTOS DE VISTA, PARQUES E JARDINS

Portas do Sol (no centro da cidade) com belo panorama sôbre o Vale do Zêzere.

Jardim Público.

Estrada da Aldeia do Carvalho, 7 quilómetros pela encosta da serra.

Parque Florestal, a 3 quilómetros da cidade.

IGREJAS E CAPELAS

Capela do Calvário.

Capela românica de S. Martinho (Monumento Nacional).

Igreja da Misericórdia, com dois túmulos medievais na capela lateral. Portal romano-gótico.

MONUMENTOS

Nossa Senhora da Covilhã.

Mortos da Guerra.

Algumas janelas manuelinas e restos da muralha da cidade, nas Portas do Sol.

FOLCLORE E FESTAS REGIONAIS

Janeiras, nas festas do Natal.
Rancho Coregráfico do Paúl.
Canções Regionais.
Música dos Pífaros — Aldeia das Côrtes.
Feira de S. Tiago — Festas da cidade de 22 a 25 de Julho.
Procissão das velas e archotes: na Sexta-feira Santa.
Entêrro do Senhor (da Misericórdia para a capela do Calvário).
Boudobra: Romaria da Senhora da Estrêla, no 1.º domingo de Setembro.
Tortozendo: Feira de S. Miguel, de 26 a 29 de Setembro.
Teixoso: Senhora do Carmo, em 15 de Agôsto. Procissão com a interessante «arrematação de ofertas».
Castelejo: Santa Luzia, em 15 de Setembro — uma das características festas regionais das Beiras.
Paúl: Senhora das Dôres, no 1.º domingo de Julho.
Vale dos Lôbos-Penamacor: Romaria da Senhora da Póvoa, a maior festa popular da região.

INDÚSTRIA LOCAL

Lanifícios. É de aconselhar a visita a uma das principais fábricas, para assistir às curiosas fases da fabricação dos tecidos de lã.

PESCA DA TRUTA

Ribeira de Unhais.

Ribeira do Paúl.

Rio Zêzere (próximo de Manteigas).

Lagoa Comprida.

HOTEIS E RESTAURANTES

Neve Hotel (a inaugurar brevemente), diárias de 30$00 a 100$00.

Serra da Estrêla-Hotel (com aquecimento), situado nas Penhas da Saúde, diárias de 60$00 a 140$00.

Café Restaurante Central.

Café Restaurante Portugal.

Café Aliança.

Pensão Covilhãnense.

Pensão Avenida.

No Mercado bi-semanal da Covilhã encontram-se à venda as seguintes especialidades:

QUEIJO DA SERRA — MASSAPÕES
HERMÍNIOS, GARGANTAS DE FREIRA — ETC.

4 CIRCUITOS PARTINDO DA COVILHÃ 4 CIRCUITOS DE TURISMO

CIRCUITO CENTRO

COVILHÃ	kms.
Fundão	19
Portela da Gardunha	9
Vale de Prazeres	5
S. Miguel de Acha	17
Proença	5
Monsanto	14
Penamacor	23
Águas Radium	25
Sortelha	5
Águas Radium	5
Caria	10
Covilhã	18
	155

★

Monsanto, a aldeia mais portuguesa de Portugal.

★

Sortelha, povoação muralhada medieval, com um belo castelo.

★

Águas Radium, Termas, com um bom hotel.

CIRCUITO NORTE

COVILHÃ	kms.
Teixoso	7
Orjais	8
Aldeia do Mato	6
Valhelhas	7
Manteigas	16
Pôço do Inferno	12
Covão da Metade, na base do Cântaro Magro	17
Regresso à Covilhã	53
	126

★

Em *Caldas de Manteigas* há hotel. Recomenda-se a truta pescada no Zêzere.

★

No regresso, passada a aldeia de Valhelhas, seguir para Belmonte e visitar o Castelo.

CIRCUITO SUL

COVILHÃ	kms.
Fundão	19
Silvares	21
Barroca	10
Aldeia de S. Francisco de Assis	18
Minas da Panasqueira	11
Regresso à Covilhã	61
	140

★

Esta excursão recomenda-se pela importância das Minas, que são hoje as de maior produção do mundo em volfrâmio e pelos vários aspectos do Zêzere correndo no fundo de precipícios.

As instalações industriais das Minas, são imponentes.

CIRCUITO OESTE

COVILHÃ	kms.
Tortozendo	7,5
Unhais da Serra	16
Paúl	13
Aldeia das Côrtes	9
Tortozendo	12
Covilhã	7,5
	65

★

Unhais da Serra, termas de águas sulfurosas; pitoresca povoação encravada em plena serra.

★

Paúl, a 2.ª classificada no concurso do S. P. N., da Aldeia mais Portuguesa de Portugal.

★

Aldeia das Côrtes, pitoresca povoação serrana.

PONTOS MAIS IMPORTANTES A VISITAR

Varanda dos Carqueijais.
Portas dos Hermínios.
Garganta dos Hermínios.
Pedras da Marreca e do Urso.
Penhas da Saúde (centro dos desportos da neve).
Piornos e Poios Brancos.
Nave da Areia.
Nave de Santo António.
Poio do Judeu.
Nascente do Zêzere.
Vale da Candieira.
Espinhaço do Cão.
Terroeiro.
Desfiladeiro dos Cântaros.
Covões.
Cântaro Raso, Cântaro Magro e Cântaro Gordo.
Queijeiras.
Lagoas.
Tôrre.

PISTAS

Desde as Penhas da Saúde até à Tôrre, durante os meses de Janeiro a Abril é fácil praticar o ski, especialmente na região alta da serra, que abrange o Covão do Boi, Terroeiro, Planalto da Tôrre e Lagoas de Loriga.

As pistas mais freqüentadas são as dos Piornos, a meia hora do hotel das Penhas da Saúde e as da Tôrre para o Covão do Boi e da Tôrre para as Lagoas de Loriga.

ABRIGOS

Casa-Abrigo das Penhas da Saúde.
Abrigo dos Piornos.
Abrigo da Tôrre.

Notas — Em qualquer dos abrigos, os sócios do Ski Clube de Portugal podem dormir em cama completa e preparar as suas refeições, para o que têm os necessários utensílios de cozinha, incluindo fogões, lenha e petróleo.

O Ski Clube de Portugal, nas Penhas da Saúde, aluga skis a 10$00, para os principiantes.

ALTITUDES

Tôrre: 2.000 metros.
Cântaros: 1.850 metros.
Piornos: 1.650 metros.
Nave: 1.600 metros.
Penhas da Saúde: 1.550 metros.
Portas dos Hermínios: 1.250 metros.
Sanatório: 1.200 metros.
Floresta: 900 metros.
Covilhã: 750 metros.

Informações sôbre a Serra da Estrêla, estado do tempo, pistas praticáveis, etc., podem ser colhidas: na Covilhã — Comissão Municipal de Turismo e Ski Clube de Portugal; em Lisboa — na Agência de Turismo do S. P. N., na Emissora Nacional e no Observatório Meteorológico de D. Luiz.

SERRA DA ESTRÊLA *CIRCUITOS A PE E DE SKI* SERRA DA ESTRÊLA

CIRCUITOS DE 1 DIA

1.º — Penhas da Saúde — Curral dos Ventos — Poios Brancos — Nave de Santo António — Piornos — Penhas da Saúde.

2.º — Penhas da Saúde — Nave de Santo António — Nascente do Zêzere — Lagoa do Cântaro — Cântaro Raso — Espinhaço do Cão — Nave de Santo António — Penhas Douradas.

3.º — Penhas da Saúde — Nave de Santo António — Cântaro Raso — Covão do Boi — Tôrre — Terroeiro — Barragem da Alforja — Nave de Santo António — Penhas da Saúde.

4.º — Penhas da Saúde — Planalto dos Piornos — Abrigo dos Piornos — Lago de Viriato — Penhas da Saúde.

CIRCUITOS DE 2 DIAS

5.º — Penhas da Saúde — Nave de Santo António — Covão do Boi — Tôrre. Dormir no abrigo. Tôrre — Lagoas Comprida e Escura — Tôrre — Espinhaço do Cão — Nave de Santo António — Penhas da Saúde.

6.º — Penhas da Saúde — Nave de Santo António — Tôrre. Dormir no abrigo. Tôrre — Charcos — Penhas Douradas — Charcos — Cântaro Raso — Espinhaço do Cão — Nave de Santo António — Penhas da Saúde.

Nota — Os circuitos 1.º e 4.º dispensam o auxílio de um guia. Nos outros, quando feito pela primeira vez, o guia é indispensável, para ensinar os melhores caminhos, e aconselhável para auxílio no transporte dos skis, nas passagens em que se torna necessário fazer «alpinismo».

DESPORTO ALEGRE *PROVAS DE SKI* DESPORTO SAUDÁVEL

Quási todos os domingos se realizam competições (no período da neve, geralmente de Janeiro a Abril). Nos períodos de férias do Carnaval e da Páscoa há várias corridas de Ski.

O Campeonato Nacional de Ski (combinado, velocidade-slalom) realiza-se num domingo do mês de Março.

O Campeonato Regional da Covilhã realiza-se em Fevereiro.

CLIMA AMENO CALDAS DA RAINHA ÁGUAS MEDICINAIS

CURIOSIDADES

Igreja de Nossa Senhora do Populo.

Tôrre (manuelina).

Casa da Câmara.

Igreja de S. Sebastião (azulejos).

No Parque do Hospital, exposição das Capelas do Bussaco, modeladas por Rafael Bordalo Pinheiro.

Estátua da Rainha D. Leonor, por Francisco Franco.

Quadro da Rainha D. Leonor, pelo pintor José Malhoa, no Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial.

DIVERSÕES E FESTAS

Na época termal

Ténis.
Remo.
Patinagem.
Regatas.
Foot-Ball (desafios).
Touradas.
Concursos hípicos.
Concurso de tiro.

Divertimentos infantis.
Criquet.

Concertos.
Verbenas.

Cinema.
Teatro.

Biblioteca ao ar livre, no Parque do Hospital.

INDÚSTRIA LOCAL TRADICIONAL

Cerâmica.

As várias fábricas de cerâmica merecem uma visita. A cerâmica das Caldas da Rainha é típica e inconfundível.

Especialidade:

Cavacas

Nota: — As águas da estância das Caldas da Rainha são sulfúricas, cálcicas, cloretadas. — São óptimas para várias doenças da pele e intestinais, reumatismo, etc.

PASSEIOS

Óbidos, vila histórica de muito interêsse (Estalagem do Lidador).

Lagoa de Óbidos.

Quinta do Bom Sucesso.

Foz do Arelho.

S. Martinho do Pôrto (Pousada do S. P. N.).

Nazaré, praia cheia de pitoresco.

Mosteiro da Batalha (a 45 quilómetros).

Gaeiras, quinta das Janelas e Convento das Arrábidas.

HOTEIS, ETC.

Hotel Central.
Diárias de 20$00 a 60$00.

Grande Hotel Lisbonense.
Diárias de 20$00 a 50$00.

Hotel Rosa.
Diárias de 22$00 a 60$00.

Várias Pensões.

Restaurantes.

Cafés.

Numerosos estabelecimentos que vendem peças de louça e várias outras especialidades locais.

TURISMO EM PORTUGAL

NO SÉCULO XIX

Quando os portugueses ainda não empregavam a palavra «turismo», já havia entre nós quem o praticasse com entusiasmo e inteligência. Prova-o a interessante carta que a seguir reproduzimos, escrita por Ramalho Ortigão em 1899 e publicada, no mesmo ano, no periódico «Damião de Góis», de Alenquer, cujo recorte — em boa hora arquivado — nos mandou o nosso colaborador Cardoso Martha:

À ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Tenho, sem me querer gabar, a sincera convicção de que, a não serem alguns velhos viajantes de comércio, ou algum almocreve palenteológico, anterior ao dilúvio dos caminhos de ferro, ninguém terá calcado mais terra portuguesa do que êste seu criado. Ninguém, sobretudo, terá nela viajado com mais empenho, com mais curiosidade, com mais desinterêsse, com mais amor. Bem sei que há quem me tenha por estrangeiro e não me admira, porque nunca, nem nas lareiras a que me tenho sentado pelas quebradas do Marvão, da Serra da Estrêla, do Gerez ou de Monchique, nem nas feiras francas a que tenho ido, a Viseu, a Vila Real, a Loulé, a Évora, a Viana, a Penafiel, e a tantas outras, não encontrei nunca nenhum dos sujeitos que fazem ou desfazem a reputação dos outros no Rocio, no Chiado e no Arco do Bandeira.

Daí podem ajuizar os excursionistas da Academia de Estudos Livres se me interessará ou não o programa das viagens que êles projectam organizar, e de que me acabam de dar notícia!

Essas viagens são indispensáveis, no meio da lamentável desmoralização em que nos dissolvemos, para nos ensinarem a conhecer e a amar a pátria pelo que nela é imortal, incorruptível e sagrado: pelo doce aspecto dos seus montes, dos seus vales, dos seus rios; pelo sorriso, melancólico mas contente, dos vinhedos, dos olivais, dos soutos, das hortas e dos pomares; pela tradição vivida nos monumentos arquitectónicos, nas romarias, nos contos e nas cantigas populares, nas indústrias caseiras, nas alfaias agrícolas, nas ferramentas dos ofícios rurais, na configuração dos lares; pela dição, enfim, e pelas formas da nossa própria língua, que, por tôda essa província, nos preciosos recantos em que não há livros nem periódicos, e onde o povo ainda não aprendeu a ler, se conserva áspera, nitente e tilintante como um belo dobrão de ouro, a que o manuseamento da erudição e a sugidade do giro literário não comeram a serrilha nem desgastaram a corôa e a efigie, convertendo-a na chapa safada e sortida da nossa fala de parlamentares e de jornalistas.

Hão-de dizer-lhes, para os desalentar do seu nobre e patriótico empreendimento, que Portugal não é terra para viagens; que são escabrosos os caminhos, escalvados os montes, poeirentas as estradas, inhóspitas as estalagens. Não façam caso. Deixem em sossêgo, no seu veraneio de sorvetes mornos e de cerveja choca, êsses opiniáticos, *sport-men* do *auto-mobilismo,* insípidos sedentários lisboetas, de articulações perras, de estômago sujo e de língua grossa, aparafusados pelas pesadas cadeiras dêles mesmos às cadeiras da Avenida, às de S. Pedro de Alcântara e às dos botequins do Rocio.

Calcem os meus amigos os seus sapatos ferrados, vistam a blusa de linho, afivelem a mochila, e partam alegre e confiadamente em terceira classe, para ir à caça, para subir uma serra, para coligir cantigas ou coleópteros, para fazer um herbário ou um album de instantâneos, ou simplesmente para armar aos pássaros, para ouvir correr a água, ramalhar os castanheiros, cantar as toutinegras. Seja com que pretexto for, de arte, de

arqueologia, de geologia, de botânica, de poesia, de simples recreio, o contacto da natureza é sempre purificador e salutar. E a convivência dos homens simples especializados no mister, é incomparàvelmente mais interessante e mais instrutiva que as dos enciclopedistas, ainda os mais conspícuos das nossas classes dirigentes.

O pó das estradas e o suor da marcha constituem o mais módico preço por que se pode pagar a delícia do banho, o jubiloso prazer da pele tonificada pela espuma do sabão e pelos jorros da água fria.

Quem não aceitará como dádiva celestial o transitório esfôrço de uma ascenção de montanha, tendo, uma vez na vida, gozado a satisfação inefável de ir dormir, ao cabo de um dia de verão, a 1.500 metros de altitude, a uma temperatura de 2 graus centígrados, debaixo da tenda de campanha, numa fôfa cama de fetos, envôlto na serenidade do infinito silêncio, com uma clavina debaixo do travesseiro e um perdigueiro aos pés, ao clarão perfumado e extático da grande fogueira de urze e de azinho, como nos últimos planaltos do Gerez?

A perspectiva de desconfôrto nas hospedarias basta para fazer desmaiar de pavor o habitante da nossa Baixa, a quem fizeram crer que todos os percevejos na província estão por essas camas fora à espera dêle, para se emborracharem uma vez na vida com sangue da capital, o qual, pelo que é de escanfrado e de aquoso, deve ser precisamente, para os percevejos que bebem disso, a mais fraudulenta e desacreditada zurrapa de todo o reino.

Sôbre essa matéria falará por mim um entendido, um estrangeiro, um mimoso da civilização, um puro parisiense, o Sr. Loviot, o ilustre arquitecto francês, o insigne professor da Academia das Belas Artes de Paris, ao qual neste momento se acha confiada a construção do pavilhão das Belas Artes para a próxima exposição universal. Com êle me encontrei o ano passado na estalagem do Galinha, em Alcobaça. Loviot estava o que se chama verdadeiramente enfeitiçado com Galinha, com a espôsa de Galinha, com a criada de Galinha e com a galinha com tomates que nos davam ao jantr.

— Que encantador país e que deliciosas estalagens! — dizia êle, em *veston* de linho cru, com o seu chapéu «Mazzantini»

deitado para a nuca, de olhos luminosos e beiço luzidio, abraçando-me efusivamente, como se precisasse de entornar no meu peito tôda a fervente gratidão que transbordava do seu. Que perfeição — bradava êle, levantando-se da mesa com um pêcego em cada bôlso. Pêcegos como os de Montreuil! Vinho como não se bebe melhor! Comida que parece encomendada e dirigida pela pessoa mais carinhosa da minha própria família! E não há um tapete! Não há uma cortina! Não há trapo nenhum! O chão dos nossos quartos está limpo como uma patena. As nossas camas têm o aceio religioso dum altar. Madame Galinha trata-me com a ternura de uma segunda mãi. E por tudo isto, quarto, almôço, ceia, cordealidade, paga o viajante metade da soma com que tem de esportular-se em Paris por um simples e cerceado almôço de segunda ordem.

Se fôrem a Paris, para a exposição, e tiverem a fortuna de conhecer o Sr. Loviot, êle lhes dirá se isto é verdade ou não. E com esta me despeço para não enfadar mais, assegurando-lhes a minha dedicada simpatia.

Quinta de S. José, a Linda-a-Pastora, 6 de Agôsto de 1899.

RAMALHO ORTIGÃO

Gravuras de *O Minho Pitoresco* (1887)

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

A Obra de Restauro e Conservação de Monumentos

Foi aprovado, em Janeiro, pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, um novo plano de obras de restauro e conservação de monumentos nacionais, a executar no ano corrente, na importância global de 6.260 contos. Desta avultada verba beneficiarão as sés, várias igrejas e capelas, castelos, conventos e mosteiros (como o dos Jerónimos), a Universidade de Coimbra e o Paço dos Duques de Bragança, em Guimarãis.

Eis, indubitàvelmente, uma das mais elevadas tarefas que o Govêrno do Estado Novo empreendeu, e que tem sido realizada — num ritmo de crescente e eficaz actividade — pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Não caberia numa página a simples enumeração das obras levadas a cabo por estes Serviços, aos quais o nosso património artístico fica a dever uma parte considerável da sua extraordinária riqueza.

Basta folhear os 24 números, até agora publicados, do *Boletim* daquela Direcção Geral, para se fazer idéia da acção dispendida na valorização sistemática da arquitectura monumental — religiosa, civil e militar — e da qual, como é evidente, colherá o turismo nacional importantíssimos frutos.

«Conheça a sua Terra»

Realizaram-se, nas últimas semanas, as seguintes visitas e passeios culturais, promovidos por «Conheça a sua terra»: — à *Sé de Lisboa;* à *Maternidade Alfredo da Costa;* ao *Museu das Janelas Verdes;* à *Ermida de Santo Amaro;* ao *palácio e jardins dos Marqueses da Fronteira;* ao *Instituto para Exame e Restauro das Obras de Arte* e à *Capela das Albertas;* aos *Estúdios da Emissora Nacional* — guiados, respectivamente, pelos senhores: Arquitecto António do Couto, Professor Costa Sacadura, Dr. João Couto, Luiz Moita (do grupo «Amigos de Lisboa»), Dr. José Cassiano Neves, Dr. João Couto e Eng.º Henrique Leote.

Pousadas de Turismo

Num eco publicado no número 2 de PANORAMA, relatando a visita feita pelo director do S. P. N. a algumas Zonas de Turismo do Norte do País, dissemos que o Sr. António Ferro, após o seu regresso do Brasil, recomeçaria essas visitas.

António Ferro voltou, há pouco, e já podemos anunciar, neste mesmo local, que retomou o exercício dessa actividade, percorrendo as províncias do Sul, em visita de inspecção às *Pousadas de Turismo* de Sant'Iago do Cacém, São Braz de Alportel e Elvas, a inaugurar brevemente.

As restantes *Pousadas* — agora entregues pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações ao S. P. N. (nomeadamente: as do Marão, Serra da Estrêla, Vale do Vouga e São Martinho do Pôrto), serão também visitadas, com igual finalidade, pelo director do referido organismo.

«O Passeio Ideal»

O juri nomeado para apreciar os dezanove trabalhos literários apresentados a êste concurso, que PANORAMA lançou no n.º 2, é constituído pelos seguintes escritores e jornalistas: — Luiz Teixeira, Dr. Augusto Cunha, Augusto Pinto e Castro Soromenho.

Só em caso de empate (§ IV das bases do concurso) intervirá o director literário da nossa revista.

No próximo número publicaremos o resultado, inserindo o primeiro dos artigos premiados.

Rectificação

No nosso número anterior indicámos, por lapso, em vez das populações *de facto* das capitais dos distritos de Braga, Pôrto, Vila Real e Viseu, a totalidade das populações dos mesmos distritos — conforme o censo de 1930, inserto no último *Anuário* publicado pelo Instituto Nacional de Estatística. Foi tomado, assim, o todo por uma das partes. Corrige-se:

Os números referentes à população de facto e publicados em 1941 são, *como prováveis* (susceptíveis, portanto, de rectificação) os seguintes: *Cidade do Pôrto:* — 262.790 *habitantes; concelho de Braga:* — 74.943; *concelho de Vila Real:* — 42.865; *concelho de Viseu:*—67.761.

Nos censos mais recentes não há indicações da população das cidades (excepção feita para Lisboa e Pôrto) porque, embora, por vezes, os apuramentos se façam por concelhos, freguesias e, até, por lugares (no Recenseamento de 12 de Dezembro de 1940) a dificuldade está na delimitação das áreas. (Apenas nas duas cidades indicadas os concelhos coïncidem com as *áreas urbanas).*

Agradecemos aos leitores que chamaram a nossa atenção para êste lapso — do qual só nos apercebemos depois de estar impresso todo o número especial do Norte — bem como para os seguintes, referentes aos *restaurantes* do Pôrto: — A inclusão de alguns que já não existem, como o «Chinês», o «Europa» e o «Montanha»; a exclusão de outros, como o «Sequeira» e o «Comercial», e, ainda, quanto aos *cafés,* a referência ao «Nacional Palácio», que deixou de existir, e o esquecimento do «Paladium», do «Imperial» e do «Central», actualmente dos mais freqüentados.

O Novo Preço de «Panorama»

Em virtude do extraordinário aumento dos preços do papel — agravado pelas actuais dificuldades de importação — e da carestia equivalente dos outros materiais, fomos forçados a aumentar para 5 escudos (a partir dêste número) o custo de cada exemplar da nossa revista.

Julgamos, todavia, desnecessário salientar que, mesmo assim, PANORAMA continua a ser, relativamente à sua categoria, uma das revistas mais acessíveis que actualmente se publicam na Europa.

«Panorama» regista

★ O aparecimento do album *Paisagem e Monumentos de Portugal,* de Luiz Reis Santos e Carlos Queiroz, com fotografias de Mário Novaes e capa de Bernardo Marques — editado pela Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Nacional dos Centenários. (S. P. N.).

★ A inauguração do *Museu Soares dos Reis,* no Pôrto — ao qual dedicámos um artigo no nosso número anterior.

★ O êxito da campanha nacional a favor dos *Presépios,* aberta pelo semanário *Acção* e revista *Ocidente,* e secundada por grande parte da Imprensa da metrópole e das Ilhas Adjacentes.

★ A acção cultural e de vulgarização desenvolvida pelo grupo *Amigos de Lisboa* — que acaba de publicar o n.º 17 do seu interessante boletim *Olisipo.*

★ A publicação do magnífico primeiro número do *Boletim da Junta de Província do Ribatejo* (abrangendo os anos de 1937-1940) que ficará como obra de consulta indispensável para quem deseje conhecer, nos seus vários aspectos, aquela importante região.

★ A reabertura da *Casa Margarida,* restaurante de Viana do Castelo, instalado nas dependências (agora remodeladas) da afamada *Margarida da Praça,* cujas tradições os novos proprietários se propõem manter — com extraordinária vantagem para o turismo nortenho.

★ A nova campanha lançada na *Acção* — por Luiz Chaves — em defesa da integridade do nosso folclore musical.

Editorial Atica, Lda. — Capa e gravuras: Bertrand, Irmãos. — Composição e impressão: Tip. E. N. P. —
Rotogravuras: Neogravura, Lda.